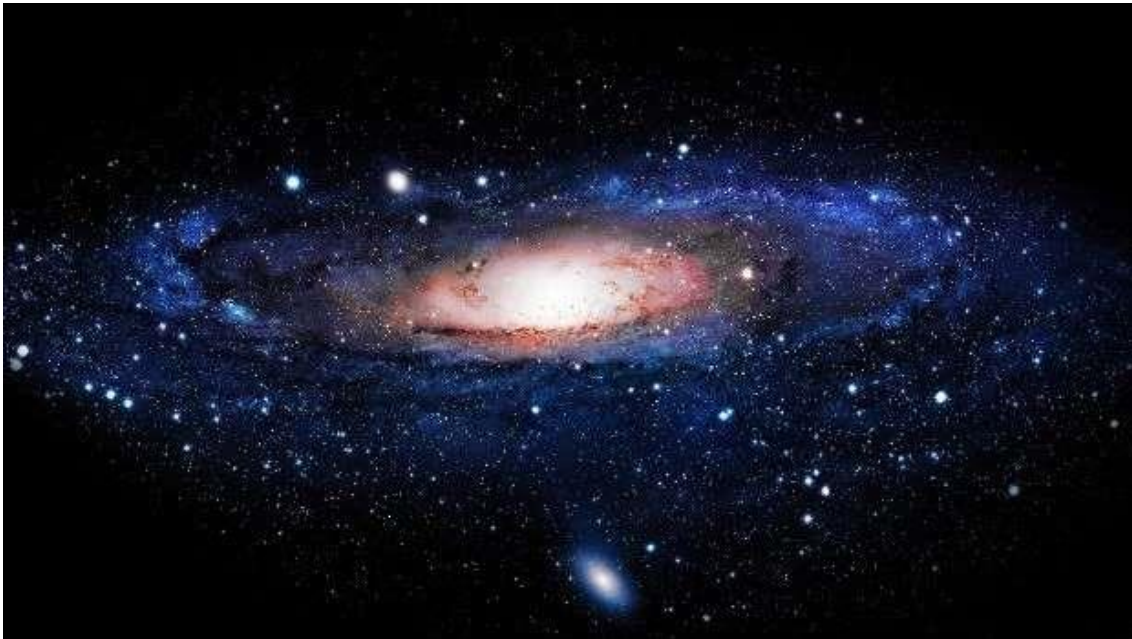


CONJECTURAS GEOGRÁFICAS



JULIO CESAR VAZ NITSCHKE

CURITIBA - PARANÁ 2016

Julio Cesar Vaz Nitsche

Conjecturas geográficas

1ª edição

Curitiba

Edição do autor

2016

NITSCHKE, J. C. V.

Conjecturas geográficas: ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2016.

66p. ; 21cm

ISBN: 978-85-920924-3-6

Possui Bibliografia e suporte bibliográfico

1. Conjecturas geográficas
2. Nova definição de Geografia
3. Nova definição de espaço
4. Aspectos do pensamento geográfico atual
5. Interatividade e conectividade metodológica/teórica

A REPRODUÇÃO É RESTRITA

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por qualquer meio de mídia: fotográfico, fotocópia, fotomecânico, nem mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a devida referência bibliográfica (esta fonte).

Capa: Julio Cesar Vaz Nitsche

Imagem: domínio público – In:
http://www.lounge.obviousmag.org/prateleira_do_cuffman/2013/11/extraterrestres-existem.html

A Verdade é dura como o diamante - e delicada como a flor do pessegueiro.

Vocês podem me acorrentar, torturar e até destruir meu corpo, mas nunca aprisionarão minha mente.

Pensamento de Gandhi

Ao adentrar na casa de um colega geógrafo, J. C. V. Nitsche percebeu que seu amigo estava ocupado com um recipiente de vidro que comportava aproximadamente cento e vinte litros de água. Logo, Nitsche perguntou:

- O quê está fazendo amigo?

- Ah...Acabei de criar um espaço para os peixes! Gostou do meu aquário?

Nitsche respondeu: Peixes necessitam de cuidados, tais como: iluminação adequada, controle do PH, tratamento d'água e de alimentos...Você não criou espaço para os peixes, mas sim, desenvolveu um ambiente propício a vida aquática!

“O conhecimento é uma aventura em aberto. O que significa que aquilo que saberemos amanhã é algo que desconhecemos hoje; e esse algo pode mudar as verdades de ontem”.

Karl Popper

AGRADECIMENTOS

Demonstro profundo respeito e gratidão àqueles que me auxiliaram durante minha trajetória existencial e de atuação.

Às pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e iluminaram minha vida nos momentos mais sombrios. Logo; estes são representantes da sociedade em geral, tais como: meus pais, meus avós, minha família, todos os que me conhecem e que me auxiliaram: militares, profissionais da saúde (doutores, ortopedistas, neurologista, psiquiatra, médicos, psicólogos, ortodontistas, dentistas, enfermeiros, atendentes, técnicos, enfim; todos da área), profissionais da educação e cultura, servidores públicos, aos que rezaram/oraram por minha pessoa, parentes e conhecidos.

Não citarei nomes, porque não quero cometer o erro de esquecer uma pessoa se quer...mas tenho certeza que todos sabem quem são e o que fizeram por mim.

“Acho que todo mundo pode, e deve, ter uma ideia geral de como funciona o universo e de nosso lugar nele.”

(Stephen Hawking)

SUMÁRIO

O mundo conhecido por Geografia.....	7
Uma nova abordagem conceitual sobre Espaço.....	23
Geografia ferramenta de análise ou ciência.....	38
As Máscaras.....	46
Considerações Finais.....	54
Bibliografia e suporte bibliográfico.....	57
Notas de fim.....	65

APRESENTAÇÃO

Este que vos escreve, sempre questionou a produção espacial e a divisão existente entre Geografia Física e Geografia Humana.

A divisão existente entre Geografia Física e Geografia Humana está em voga nos assuntos voltados às geografias neste momento histórico que estamos escrevendo. Muitos trabalhos de cunho geográfico (dissertações, teses e livros), começaram a ser divulgados com este enfoque. Porém, preserva-se o espaço e sinalizam que as geografias são unidades complementares. Desfazendo, assim, a existência de uma ciência dicotômica. Ao se adotar tal conduta não resolvemos de forma coerente essa situação, e nos leva a crer, que não há um empenho mais sério por parte dos teóricos e pesquisadores práticos, no intuito de sanar, ou de pelo menos, conjecturar novos modelos teóricos e de práticas.

No intento de chamar a atenção da comunidade científica geográfica, para estas questões, é que se faz necessário tal material bibliográfico que ora vos apresento.

"Nunca se protele o filosofar quando se é jovem, nem canse o fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais *pouco* maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz."

EPICURO

O MUNDO CONHECIDO POR GEOGRAFIA

O Mundo científico não é palpável, e sua visualização é livre de conceitos pré-definidos, cada pessoa ou pesquisador pode vê-lo ou percebê-lo de várias maneiras, pois tudo depende do idealismo formal filosófico de cada indivíduo que cria, forma e reformula suas bases de pré-existência, recaindo na metafísica dos conceitos de concretizar o abstrato, criando o concreto através de paradigmas e paradoxos. Metafísica significa o conhecimento das causas primárias e dos primeiros princípios dos conhecimentos provenientes da razão pura. E tais conhecimentos, não afirmam uma visão de mundo ou de natureza estagnado(a).

Através da atividade cerebral do homem é que foi possível perceber o mundo abstrato da ciência, digo abstrato porque não se pode tocar ou ver. Apenas refletimos e fazemos uso da razão e da percepção para perceber a existência de tais conjuntos de saberes que se adquirem pela meditação, experiência e leitura, criando desta maneira uma doutrina filosófica que considera os conhecimentos científicos como definitivos, negando a importância dos problemas inacessíveis aos métodos científicos. E só podemos senti-la, quando concretizamos algo na superfície do nosso planeta, como edifícios, casas (moradias em geral), veículos automotores, embarcações, usinas geradoras de energia, e tudo mais que se possa construir através das bases científicas e/ou por intermédio da vivência e experiência. Além destes, ainda podemos criar objetos que podem vagar no Espaço Cósmico, como espaçonaves, telescópios, satélites, base espacial e outros.

(...) Pedi a ele: “Tu que és a sabedoria e que me conduzes por esta estância infernal, satisfaz o meu desejo de bem conhecer este lugar (...)”. Transcrito do livro “A Divina Comédia, Canto X.”

Neste complexo universo do pensamento humano, encontra-se um mundo conhecido por Geografia, que ainda não possui uma exata localização, pois se tratando de um mundo novo e inexplorado suas coordenadas oscilam entre as Ciências da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais, Antropologia, Ciências Exatas e outras. Como se pode perceber, é quase impossível mapear com exatidão suas dimensões e localidade científica. Tendo ainda, vários pensadores que redefinem o que é geografia e o que o geógrafo faz. Será possível existir uma ciência assim?

“QUEM NÃO CONHECE A REGIÃO ONDE MORA, NÃO CONHECE A SI MESMO”.

Esta frase de Nitsche (1999), tem uma conotação muito ampla, apesar de ser bem simples em sua estruturação gramatical, pois ela expressa uma realidade que não se percebe de imediato, sendo necessária uma análise profunda de seu significado. Estas palavras podem ser inseridas na região de estruturação do mundo geográfico, pois muitos geógrafos ainda não definiram e nem sabem ao certo do conceito básico da ciência geográfica, implicando na própria atuação do geógrafo no mercado de trabalho. Com ênfase nestas questões, abordar-se-á as diretrizes analíticas do pensar geografia, no intuito de colaborar com novas perspectivas ao pensamento geográfico.

Estas e outras questões estão sendo abordadas nesta obra, conforme se inicia:

A origem da geografia está relacionada com os estágios de evolução do homem, sendo classificadas em quatro estágios conforme exposto:

1º Estágio: Australopitécínio-Homo, remontando cinco milhões de anos atrás, com diversas variedades de fósseis hominídeos e com ferramentas rudimentares feitas de pedra.

2º Estágio: Homo erectus, com idades aproximadas de um milhão de anos atrás, com uma duração de cem mil anos.

3º Estágio: Surgem os humanóides transicionais e em seguida os neandertalenses e seus contemporâneos menos diferenciados.

4º Estágio: Datando de aproximadamente 40 mil anos, surgem os primeiros vestígios de esqueletos totalmente modernos, sendo denominado de Homo sapiens.

Todos os três primeiros estágios apresentam humanóides fabricando ferramentas e no último estágio, observa-se o homem moderno formado, adaptado às transformações ambientais, que no processo demonstrado, o ambiente estava em constante mutação e desequilíbrio, com variâncias climáticas, sendo estas evidências e comprovadas através dos estudos geográficos, geológicos e paleontológicos, além de serem evidenciados na arqueologia, através dos estudos dos ossos fósseis.

Tais fatos demonstram que o ser humano adquiriu experiências e conhecimento que possibilitaram o desenvolvimento e criação de ferramentas e habilidades para superar as fases de transformação ambiental, prosperando em sua

jornada evolutiva do raciocínio e desenvolvimento corporal, o que possibilitou a construção de sua própria cultura.

Nas palavras de Braidwood (1907), “*A cultura permanece, embora os indivíduos que compõem um determinado grupo desapareçam. Por outro lado, a cultura muda conforme mudam as convenções e entendimentos. Quase se pode dizer que a cultura vive nas mentes das pessoas que a possui. Mas as pessoas não nascem com ela, adquirem-na à medida que crescem.*”

Para Braidwood, a cultura significa o modo como um grupo de pessoas pensa, crê e vive, além de suas capacidades de manufaturar vestimentas, instrumentos e a forma de como se fazem as coisas.

Adotando este enfoque sobre a cultura, conota-se a ideia de que para se criar e desenvolver cultura é necessário pensar e estabelecer um raciocínio lógico e ao mesmo tempo metafísico, estabelecendo o padrão de inteligência do ser humano dentro de sua corrida evolutiva começada há 3,5 milhões de anos, quando surgem os macacos hominídeos, antecessores do homem moderno. Pode-se estabelecer estas fases de desenvolvimento da seguinte maneira: Período Paleolítico (de 3,5 milhões a.C. até 10.000 a.C.), Mesolítico (de 10.000 a 8.000 a.C.) e Neolítico (de 8.000 a 4.000 a.C), sendo que a domesticação de animais, o surgimento da agricultura, a utilização dos metais e a descoberta da escrita marcam o fim dessa fase.

Os exemplares de hominídeos mais antigos são: *Ardipithecus kadabba* datado com aproximadamente 5.700.000 (cinco milhões e setecentos mil anos), ainda sendo estudado pela mesma equipe internacional de pesquisa que descobriu em 17 de dezembro de 1992 o primeiro dente de hominídeo datado em aproximadamente 4.400.000 (quatro milhões e quatrocentos mil anos), sendo que no ano de 1994, foram encontrados mais de 90 (noventa) ossos do *Ardipithecus ramidus* (Ardi), sendo esta uma fêmea, à oeste do rio waoache localizado na região de Afar, em Aramis, no que atualmente denominamos de Etiópia.

Logo após, na cadeia evolucionária, aparece o *Australopithecus afarensis* (*a Lucy*), com aproximadamente 3 milhões de anos, encontrados em Afar na década de 20, mais especificamente em 1925. A evolução do *afarensis* resulta em pelo menos duas outras linhagens: o *Australopithecus africanus* e os *Paranthropus boisei* e *robustus*. Os *Paranthropus* não deixam vestígios de evolução, tornando-se praticamente um beco evolutivo. O *Australopithecus africanus* evolui para o *Homo*

erectus ou *Pitecanthropus*, há aproximadamente 2 milhões de anos. O *Homo erectus* – É o primeiro a usar objetos de ossos e pedras como ferramentas e como arma, a empregar o fogo e provavelmente, a falar. Evolui, há 700 mil anos, para o *Homo neanderthalensis* (o homem de Neanderthal) e, há 500 mil anos, para o *Homo sapiens*, do qual descende o homem atual. Porém, o mais recente achado, o *sahelanthropus tchadense* de 7 milh de anos, está sendo caracterizado por BRUNET, como sendo o mais antigo ancestral do homem moderno (In: Folha de São Paulo – 15/07/2002. pp11).

A evolução histórica dos hominídeos até o *Homo sapiens* não ocorre de forma linear. Agrupamentos inteiros do gênero *Homo* desaparecem em consequência de variações climáticas, condições geográficas, miscigenação e outros fenômenos naturais.

Existem duas teorias amplamente aceitáveis, existindo ainda, uma que não é muito bem recebida, sobre o local onde surgem os antepassados do homem. A primeira sustenta (com base na descoberta do *afarensis*), que a origem é a África (nas savanas), de onde teria começado a se espalhar pelo mundo há 200 mil anos. A segunda apóia-se nos achados de restos do *Homo erectus* em Java, Indonésia (1,8 milhão de anos), e do *Homo sapiens* em Jinniushan, China (200 mil anos), e diz que a evolução de uma espécie ocorre em diferentes regiões da Terra, em momentos nem sempre coincidentes. A terceira, que não é aceita por muitos antropólogos e arqueólogos, enuncia que a África é o local de surgimento de nossos antepassados, porém, este primórdio ser é semi-aquático e não se originou nas savanas. Esta teoria se fundamenta em questões funcionais do corpo humanóide e fatos que tentam elucidar simples perguntas: “Por quê estes primitivos seres andavam com apenas os membros inferiores? E como fizeram isso? E por quê?” Mas tudo o que se sabe da evolução humana está apenas engatinhando, Graças a descoberta do *Ardipithecus kadabba* e o *ramidus*, confirmando muitas idéias de Darwin e ao mesmo tempo refutando alguns pensamentos deste brilhante pesquisador. Além de refutar as teorias que enunciam sobre a origem da bipedalidade, pois, o *Ardipithecus* vivia em ambiente florestal e não em ambiente savânico, desconstruindo imediatamente os pilares teóricos que corroboravam e respaldavam teorias sobre o ambiente de origem do homem.

Saindo destas análises, voltamos aos períodos evolutivos de nossa condição de

ser humano, sendo assim representado:

A Idade da Pedra Lascada (Paleolítico), é o período mais longo e antigo da história humana. Estende-se de 3,5 milhões de anos a.C. a 10.000 a.C. Os diferentes grupos hominídeos vivem em pequenos bandos ou grupos se preferir, alimentam-se de caça, pesca e coleta de frutos. Abriga-se em cavernas. Desenvolvem muito lentamente a linguagem oral e a fabricação de instrumentos de osso e pedra, com os quais caçam, guerreiam e realizam entalhes nas paredes e em diferentes momentos, aprendem a utilizar e produzir fogo.

Entre os anos 10.000 e 8.000 a.C. (Mesolítico), o domínio sobre o fogo, aliado à domesticação de animais ao cultivo das plantas e à fabricação de instrumentos mais avançados, incluindo a cerâmica, promove a sedentarização dos grupos de hominídeos, surgindo consecutivamente a divisão do trabalho baseada principalmente no sexo. Isso não significa que a mulher ou a fêmea agia passivamente no grupo, apenas representa que cada indivíduo desenvolvia suas funções gerais e algumas específicas, como caçar e cuidar da prole.

O desenvolvimento da agricultura e o início da metalurgia, entre os anos de 8000 e 4.000 a.C., constituem os aspectos principais da chamada revolução neolítica. Nesse período, também conhecido como Idade da Pedra Polida, os homens agrupam-se em povoados e aumenta a divisão do trabalho, que permite a produção de excedentes e a realização de intercâmbio com outras comunidades.

Ao adquirir estes conceitos e entendimento de suas capacidades administrativas e de suas ações e observações, o homem pôde desenvolver a arte, sendo esta dividida em dois grandes grupos: o primeiro grupo seria a arte portátil, que é expressa pela maneira de se trabalhar com pedras, ossos, madeira e barro, criando pontas de flechas, arremessadores de lança, arpão de osso, machado, panelas e jarros. Mas essa arte que é expressa ou identificada por alguns historiadores e arqueólogos, não surge da intuição ou do espírito que nos inspira a criar arte em si. Surge da necessidade de sobrevivência. Esses artefatos foram criados para caçar, coletar frutos, vegetais e armazenar água. Logo, surge do instinto de se manter vivo.

E o segundo grupo, representado pelas pinturas em cavernas e rochas e a escultura, que são as representações de animais e grupos sociais de indivíduos desenhados nas paredes das cavernas, ou objetos feitos de seixos moldados, representando seres vivos como tartaruga e pássaros (zoólitos). Nesse ponto da

história evolutiva do ser, é demarcada e evidenciada a presença de objetos e técnicas, que surgem graças ao intuitivo, da expressão mais profunda do ser...da alma.

O homem se autodescobre, com sua força de pensamento conhece os minerais, produz abrigo, domestica animais, inicia processos extrativistas, conhece as propriedades de curas das plantas, delimita plantações e cultiva milho, arroz e trigo, inovando e aperfeiçoando suas técnicas e desenvolvendo novos implementos, até conquistarem a civilização e construção de cidades.

Antes de expressar o texto a seguir, devo informar que não há saltos temporais (tempo e éras do período geo-biológico) e muito menos contextuais. O que será descrito é a maneira de como o filósofo e pesquisador Friedrich Engels observa a evolução humana respaldada no trabalho, validando e respaldando o que foi anteriormente dito. Mas a leitura não é temporal e sim observacional/analítica respaldada nas palavras de Friedrich Engels (1896, p. 01-02) *“O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário provavelmente em fins desse período, vivia em algum lugar da zona tropical - talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico - uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. Darwin nos deu uma descrição aproximada desses nossos antepassados. Eram totalmente cobertos de pelo, tinham barba, orelhas pontiagudas, viviam nas árvores e formavam manadas. É de, supor que, como consequência direta de seu gênero de vida, devido ao qual as mãos, ao trepar, tinham que desempenhar funções distintas das dos pés, esses macacos foram-se acostumando a prescindir de suas mãos ao caminhar pelo chão e começaram a adotar cada vez mais uma posição ereta. Foi o passo decisivo para a transição do macaco ao homem.”*

Para Engels, o trabalho manual e físico foi o responsável pela transformação de um ser com características semi-bípede para bípede, que possuía a habilidade de caminhar ereto. Porém esta conclusão é especulativa, pois não há nada nos registros

paleontológicos e/ou arqueológicos que sustentem tal afirmação. É possível que sua análise se baseie na observação das atividades de alguns primatas que permanecem em pé durante algum tempo, quando estão coletando galhos e alimentos. Mas não se pode atribuir tal postura devido ao único pretexto do trabalho puro, pois neste ponto, existem vários outros fatores que devem ser avaliados, como por exemplo: O hábito comportamental reflexivo e instintivo que remonta a ancestralidade deste indivíduo ou espécie.

Os registros fósseis apontam uma linha evolutiva já adaptada ao ser bípede que caminha ereto, porém não foram encontrados evidências ou vestígios fósseis intermediários – mais antigos, que poderiam elucidar as causas dos primeiros passos eretamente dados.

O trabalho pode não ter sido o principal responsável pelo andar ereto dos humanoides, mas com certeza, sua contribuição foi de suma importância para o desenvolvimento da sociedade e da civilização, sendo que Popper (1972), analisa a evolução da vida e da emergência do ser humano e do desenvolvimento da civilização em um padrão construtivo de três mundos, sendo assim demonstrado:

- **Mundo 1** – Formado por coisas materiais, com uma visão objetiva de mundo.
- **Mundo 2** – É o mundo subjetivo da mente.
- **Mundo 3** – Mundo de estruturas objetivas que são o produto, não sendo este, obrigatoriamente intencional, da ação dos espíritos de criaturas vivas, existindo independentemente desses espíritos. Um exemplo disto: Todas as estruturas criadas pelos animais fora de seu corpo. A represa construída por castores é um bom exemplo. Sendo assim, as próprias estruturas, transformam-se no centro do meio ambiente do animal, para o qual se orienta a parte mais importante de seu comportamento. E como o homem é um animal mamífero, ele constrói ambientes conscientemente ou não.

O ser humano adquiriu a capacidade de realizar o abstrato, criou equipamentos e desenvolveu artifícios para a construção de suas residências, usufruindo recursos naturais e transformando-os em matéria prima para a confecção de suas vestes e demais objeto para seu conforto pessoal e social. A mente humana é capaz de assimilar e estruturar raciocínios lógicos e abstratos, bem como expressar estes sentimentos através da escrita, gestos, figuras, monumentos, estátuas, criando simbologias, e cultuando o sobrenatural.

A união desta habilidade do pensar estrutura as classes sociais, fundamenta a religião, cria uma visão de mundo, explora as possibilidades e inventa o estudo do saber e do conhecimento.

O trabalho unifica os povos, aglomerados humanos começam a se fortalecer culturalmente e ideologicamente, iniciando o processo construtivo das cidades e da civilização, onde se identifica monumentos arquitetônicos, uma administração centralizada de poder, estratificações sociais e atividades comerciais definidas. Tais conjecturas favorecem o amadurecimento espiritual, social e cultural, que por sua vez, trás as primeiras noções de visão de mundo, sendo mais evidenciadas nas concepções dos primeiros filósofos.

Neste momento, o homem está pronto para buscar as questões do quem sou, para onde vou, de onde vim... SURGEM OS PENSADORES GREGOS!

Para os próprios autores gregos, o estudo da filosofia iniciou-se com os “Bárbaros”, povos que não falavam a língua grega e tal expressão não era pejorativa ou racista, conforme conota Diógenes Laertios (que viveu no Século III), em seu livro “Vida e Doutrina dos filósofos Ilustres”. Sendo aqui demonstrado algumas contribuições:

Os povos da Mesopotâmia são os primeiros a observar e registrar sistematicamente os fenômenos astronômicos. Definem os conceitos de dia, mês e ano e organizam os primeiros calendários. Diferenciam os planetas (estrelas errantes) das estrelas (estrelas fixas). Reconhecem os planetas observáveis a olho nu, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno e desenvolvem métodos matemáticos para calcular seus movimentos e os da Lua.

Quase todos os povos da Antiguidade desenvolvem calendários lunares, baseados nas fases da Lua: dividem o ano em 12 meses de 29 ou 30 dias, num total de 354 ou 355 dias. A defasagem de 11 dias em relação ao ano solar é corrigida pela inclusão de um mês extra ao final de um certo número de anos.

Os egípcios são os primeiros a calcular calendários com base no ciclo das estações: o ano tem 360 dias divididos em 12 meses de 30 dias e mais cinco dias extras, dedicados aos deuses. Os romanos adotam o calendário egípcio em 46 a.C., com a introdução de um ano bissexto, com 366 dias, a cada quatro anos. Em 1582, o papa Gregório XIII reforma o calendário Juliano: suprime dez dias de diferença que haviam se acumulado ao longo dos séculos e, para evitar defasagens futuras, opta pela

supressão de três anos bissextos a cada 400 anos.

Os gregos sofreram influência dos povos babilônicos ou assírios, indianos, celtas e gálatas, de acordo com o testemunho de Aristóteles em sua obra “O Mágico”. Com estas influências, inicia-se o processo de formação das questões filosóficas, sendo criado por Pitágoras o termo filosofia e se autodenomina filósofo (que significa: amigo da Filosofia).

Conforme os relatos de LAERTIOS (1988), a filosofia tem uma origem ambígua, começando com Anaxímandros e o próprio Pitágoras, sendo que o primeiro era discípulo de Tales e o segundo, recebeu lições de Ferecides. Surgem então, duas escolas, sendo assim descritas:

Iônica – Porque Tales, um milésio e portanto um iônio.

Italiota – Devido a Pitágoras que filosofou na Itália durante sua trajetória de vida.

A Escola Iônica termina com Cleitômacos, Crísipos e Teôfrastos, sendo que a escola italiota, encerra-se com os Epícuros. Ainda, conforme as análises de Laertios, a sucessão passa de Teles a Maxímandros, Anaxímenes, Anaxágoras, Arquelaos, até Sócrates, sendo este último o introdutor da ética na Filosofia, denominando seus discípulos de “Os Socráticos”, sendo Platão um de seus representantes mais importantes, fundador da Academia Antiga, por meio de Spêusipos e Xenocrates, passando a Polêmon, Crântor e Crates, sendo que o fundador da Academia Média é Arcesílaos e Lacides figura como o fundador da Academia Nova. A Escola Iônica finda com seus últimos representantes, passando de Platão a Aristóteles e deste para Teôfrastos.

A Escola Italiota apresenta seus seguidores, assim mencionados, Ferecides a Pitágoras, passando a Telauges (filho deste último), a Xenofanes, Parmênides, Zênon de Elea, Leucipos, Demócritos e finalmente Epículos.

Destes fatos expostos, surgem duas correntes de pensadores, os Dogmáticos e os Céticos, que são caracterizados pela maneira de ver o mundo e suas relações com o que é conhecido ou não, assim posto, se atribui aos dogmáticos “aqueles que pressupõem que as coisas são existentes”, sendo que os céticos, analisam “como não sendo possível conhecermos as coisas”. Sendo dogmáticos ou não, muitos dos filósofos não deixaram registros escritos, porém foram seguidos e são referenciados até os dias de hoje, como Sócrates.

Surge posteriormente a Escola Eclética, fundada por Pôtamon de Alexandria, que elaborou uma seleção de doutrinas de todas as existentes, escrevendo uma obra denominada “Elementos de Filosofia” (mencionado por LAERTIOS), sendo que sua abordagem é o critério da verdade aquilo que forma o juízo, ou seja, o princípio dominante da alma e o instrumento usado são a percepção acurada. Seus princípios universais são a matéria e a causa eficiente, a qualidade e o lugar, pois aquilo de que e por que uma coisa é feita, bem como a qualidade com que e o lugar em que algo é feito, são princípios. O fim a que ele se subordina todas as ações é a vida levada a perfeição em todas as formas de excelência, sendo as vantagens naturais corpóreas e ambientais indispensáveis à consecução desse objeto devendo menciona-los para que possamos entender o desenvolvimento de cada área do saber, citando alguns grandes nomes que contribuíram direta ou indiretamente para a existência concreta da Geografia, como **PLATÃO**: Nasceu em Atenas, por volta de 428/7 (?), e era membro de uma aristocrática e ilustre família. Descendia dos antigos reis de Atenas, de Sólon e era também sobrinho de Crítias (460/403) e Cármides, dois dos "Trinta Tiranos" que governaram Atenas no ano de 404. Entre 409 e 404, Lutou na Guerra do Peloponeso, sendo que em algum momento nesse período conheceu Sócrates, e sua admiração por este ilustre pensador foi decisiva em sua vida, tendo-o como seu mestre. O seu verdadeiro nome era Aristócles, mas devido à sua compleição física recebeu a alcunha de Platão ("ombros largos"). **ARISTÓTELES**: Nascido em Estagira, na Grécia do Norte, filho de médico da corte Macedônia. Aos treze anos foi enviado para Atenas, a fim de estudar na Academia de Platão, tendo ficado associado à mesma por vinte anos. Logo após a morte de Platão foi para a Ásia Menor, dando seguimento aos seus estudos biológicos e filosóficos, sendo que em 342a.C. voltou para Macedônia como tutor de Alexandre Magno, conforme esclarece LOSEE (1979). **ARQUÊLAOS**: Foi mestre de Sócrates, qualificavam-no de naturalista, pois com ele terminou a filosofia natural, quando Sócrates introduziu a ética. Sua teoria naturalista baseia-se no seguinte raciocínio: A água evapora-se sob ação do calor e quando precipita condensa-se por causa do fogo, produz a terra, ao inundar tudo em volta gera o ar, sendo assim, a terra é delimitado pelo ar e o ar pelo fogo que circunda tudo. Os seres vivos são gerados pela terra quando é aquecida e assim a terra produziu até o homem. **SÓCRATES**: Filho do escultor Sofroniscos e da parteira Fainareté, nascido em Atenas, no quarto ano da 77^a Olimpíada, participou da campanha de Anfípolis.

Sócrates era conhecido como grande orador e filósofo da ética. Sua morte data no primeiro ano da 95^a Olimpíada, aos setenta anos de idade (LAERTIOS, 1988).

ERATOSTHENES: (276a.C.-196 a.C.) Matemático, astrônomo, geógrafo e poeta grego, nasceu em Cyrene (Shahhat, Líbia). Em 240 a.C. tornou-se bibliotecário-chefe da Biblioteca de Alexandria, ficando responsável na sua época pelo maior acervo sobre o conhecimento humano. Eratosthenes é mais conhecido hoje pelo seu preciso cálculo da circunferência da Terra, numa época aonde não se acreditava que a Terra seria redonda. Para chegar a tais cálculos Eratosthenes empregou seus conhecimentos de astronomia para determinar a latitude de Assuã e Alexandria no Egito, e mediu a distância entre elas, tendo notado que a imagem da sombra de uma torre de igual altura em Assuã e Alexandria tinha diferentes comprimentos numa mesma hora do dia, ele chegou a conclusão de que a Terra era redonda e calculou com estes dados a sua circunferência. Porém, existem autores que defendem que não eram as sombras das torres que Eratosthenes media, ele observava que um poço em Siena (Assuan) somente recebia luz solar na lâmina d'água entre 20 a 22 de junho. Logo ele percebeu que Siena localizava-se no Trópico de Câncer e sabia que havia um outro poço em Alexandria com o mesmo fenômeno. Tudo o que ele fez foi medir a distância de Siena e Alexandria, resultando aproximadamente 5.000 estádios, sendo que 1 estádio vale 41.25 metros. Seu maior mérito foi um tratado sistemático sobre geografia; após ficar cego com quase 80 anos se suicidou por inanição. Este filósofo foi o primeiro a explicar a voz como sendo uma concussão do ar e a formação do mar se dá através de concavidades devido a infiltrações através da terra. O sol é o maior dos astros e todo o universo é infinito.

HIPARCO (190 a.C – 120 a.C): seu marco, entre outros feitos importantes, foi a descoberta da precessão dos equinócios, inventou o dioptra e o astrolábio. Desenvolveu o método de projeção estereográfica, favorecendo o avanço cartográfico.

STRABO: (63a.C. - 24 d.C.), geógrafo e historiador grego, nasceu em Amaseia, Strabo começou seus estudos com Aristodemus e em 44 a.C. foi para Roma estudar com Tyrannion, ex-professor de Cícero. Antes de deixar Roma ele concluiu sua monumental obra de 43 volumes intitulada 'Esboço Histórico'. Em 31 a.C. Strabo começou suas viagens na Europa, Ásia e África, tendo viajado quase todo o mundo conhecido da época, ele voltou a Roma em 17 d.C. e escreveu seu mais importante trabalho de 17 volumes intitulado 'Geographicae'. Esta foi a primeira vez que surgiu a palavra Geografia. Os volumes seriam conhecidos atualmente como guias e eram

escritos para uso militar. Esta obra é o principal documento daquela época conservado inteiro (com exceção de partes do volume sete), conforme relata LOSEE (1979). Sua lógica de raciocínio permitiu-lhe dizer que o princípio do universo é a água e que o mundo é dotado de 365 dias. Tales desponta como sendo o primeiro dos primeiros, estudando política, física, matemática, razão, imortalidade e a natureza (seja ela universal ou humana). **MARINUS** (90 – 168 d.C.): Para a Geografia, contribuiu com o desenvolvimento de tabelas náuticas, tendo como feito maior, a determinação de uma latitude e longitude para cada local. **PTOLOMEU** (também Claudius Ptolomaeus, 100-70 d.C.): Astrônomo e matemático grego, viveu em Alexandria, Egito e era cidadão romano. Seu primeiro trabalho foi o 'Almagesti', traduzido para o árabe 500 anos depois. Nesta obra ele propunha o sistema de geocentrismo o qual descrevia a Terra no centro do universo com o sol, planetas e as estrelas rodando em círculos ao seu redor. Este trabalho de Ptolomeu influenciou o pensamento astronômico durante mais de mil e quinhentos anos até ser substituído pela teoria heliocêntrica de Copérnico. Para a Geografia sua mais importante obra foi “**A Geographía**” uma tentativa de mapear o mundo conhecido da época, demarcando latitudes e longitudes de locais importantes, acompanhadas de mapas e uma descrição de técnicas de mapeamento. Nesta compilação Ptolomeu utilizou-se de dados estabelecidos por ele mesmo e de Hiparco, Strabo e Marinus de Tiro. Mesmo com informações imprecisas este trabalho foi a principal ferramenta de orientação geográfica e cartográfica até o fim da renascença. **TALES DE MILETO** (623/4 – 546/8): Fundador da Escola Jônica, observou os eclipses solares e foi o primeiro a explica-los. Conforme Diógenes Laertios, embasado nas descrições de Dúris e Demócritos, Tales era filho de Examias e Cleobuline, que pertenciam a família de Nelidas, que conforme Platão, foi o primeiro a receber o título de sábio. Suas obras e atuações recaem desde a política até a matemática, escrevendo duas obras concretas “Do Solstício” e a outra se denominava “Do Equinócio”, sendo o primeiro a estudar Astronomia e o primeiro a predizer um eclipse em 585 a.C., reconhecido ainda por Calimacos como sendo o descobridor da constelação Ursa Maior. Tales foi o primeiro filósofo a determinar o curso do sol, declarando ainda, que este astro correspondia a 720^a do círculo solar, e que o tamanho da luz emitida correspondia à fração do círculo lunar. Determinando ainda o nome do último dia do mês o nome de trigésimo. Aristóteles (Da Alma, 405), afirma em seus manuscritos que Tales, observando o

âmbar e uma pedra-imã, atribuiu uma alma até aos objetos inanimados. Sendo mencionado ainda por Panfile, que relata: “(...) *Tendo aprendido geometria com os egípcios, Tales foi o primeiro a inscrever um triângulo equilátero num círculo e por esta descoberta sacrificou um boi*”.

Os gregos são os primeiros a afirmar que a Terra é esférica e realiza um movimento de rotação em torno do Sol e que a Lua apenas reflete a luz solar. Organizam vários catálogos de estrelas e chegam a afirmar o heliocentrismo, quinze séculos antes de Copérnico.

Assim, inicia-se a maravilhosa viagem aos processos de elaboração e aperfeiçoamento do pensamento geográfico, chegando às bases teóricas, conceitos e práticas de atuação da nossa atualidade. Surgindo uma infinidade de termos para caracterizar e estabelecer um foco de estudo, este conhecido como espaço. Surgindo variações e dezenas, até mesmo, centenas de espaços e lugares.

Para Aristóteles, o espaço era a inexistência do vazio e lugar como posição de um corpo entre os outros corpos. Com esta definição, Aristóteles trata o espaço como uma área preenchida de corpos. Porém; sua percepção não envolvia os seres humanos. Mas era necessário haver uma localização. Destas palavras, surgem os contextos, pretextos para as várias definições de lugar e espaço.

Estes filósofos anteriormente mencionados, são os responsáveis pelo nascimento da ciência em si e suas áreas de atuação, além do próprio ramo científico denominado de Geografia, graças ao pensador STRABO (63a.C. - 24 d.C.).

Porém, os que se destacam como geógrafos fundadores de uma geografia moderna teórica-prática são: **FRIEDRICH WILHELM. HEINRICH. ALEXANDER VON HUMBOLDT** (Berlim, 14/09/1769 – 06/05/1879): Geógrafo, naturalista e explorador alemão, nasceu em Berlim, mais conhecido pelas suas contribuições à geologia, climatologia e oceanografia. Ainda jovem Humboldt foi apresentado a um grupo de intelectuais, entre os quais Moses Mendelssohn. Em 1797 ele foi para a Universidade de Gottingen, onde estudou arqueologia, física e filosofia. O seu interesse por botânica e explorações foi intensificado ao conhecer Georg Forster, que acabará de voltar de uma viagem ao redor do mundo com o famoso Capitão James Cook. No ano seguinte, Humboldt abandonou Gottingen para estudar geologia com A.G. Werner na escola de minas de Freiburg, tornando-se inspetor de minas para o governo da Prússia. Uma farta herança de sua mãe o permitiu se dedicar aos seus interesses por exploração

científica. Em 1799, Humboldt explorou durante 5 anos a América Latina, visitando países como Equador, Colômbia, Venezuela, México e Peru, além de parte da bacia amazônica. coletando muitos dados sobre o clima, fauna, flora, astronomia, geologia e sobre o campo magnético da Terra. Durante sua estada no Peru fez precisas medições sobre uma corrente fria descoberta por ele que veio a ser chamada pelo seu nome e hoje é mais conhecida como Corrente do Peru. Após uma breve estada nos Estados Unidos da América foi morar em Paris onde ficou até 1827, período durante qual escreveu uma obra de 23 volumes com as descobertas feitas naquela viagem anteriormente citada. Em 1827 viajou para Berlim e foi nomeado assessor do rei da Prússia. Em 1829 por convite do Czar russo Nicolau I viajou aos Montes Urais e Sibéria para fazer estudos geológicos e fisiográficos. Dedicando sua vida a escrever sua principal obra intitulada 'Kosmos' na tentativa abrangente de descrever o universo como um todo e mostrar que tudo era inter-relacionado. Humboldt foi o primeiro a mapear pontos isotérmicos, impulsionando o estudo da climatologia. **KARL RITTER** (07/08/1779 Quedlimburgo-Alemanha – 28/09/1859 – Berlim): Geógrafo alemão, conhecido como fundador da moderna ciência da geografia. Ritter mostrou ao mundo o princípio da relação entre a superfície da Terra a natureza e os seres humanos, era defensor constante do uso de todas as ciências para o estudo da geografia. Foi professor de geografia na Universidade de Berlin de 1820 até sua morte; seu mais importante trabalho, 'Die Erdkunde' (Ciência da Terra, 19 volumes, 1817- 1859), enfatizava a influência de fenômenos físicos na atividade humana. **FRIEDRICH RATZEL** (30/08/1844 Kalsruhe-Alemanha – 09/08/1904 L. Starnberger): Geógrafo e etnólogo alemão fundador da geografia política moderna ou geopolítica, o estudo da influência do ambiente na política de uma nação ou sociedade. Dele originou-se o conceito de 'espaço vivo' (Lebensraum), que se preocupa com a relação de grupos humanos com os espaços do seu ambiente. Ele lecionou na Universidade de Munique entre 1875 e 1886, e desta data até sua morte foi professor de geografia da Universidade de Leipzig. Seu conceito de 'espaço vivo' foi depois usado pelo Partido Nacional Socialista (Nazista) para justificar a expansão germânica e a anexação de territórios que precedeu a segunda guerra mundial. Hitler, o ditador alemão, inspirou-se nesta visão para elaborar sua teoria “Espaço”.

Como se pode observar, classificam-se os filósofos de várias maneiras, como a cidade de origem, os locais onde funcionavam suas escolas, ou por autodenominação,

como os amantes da verdade (os refutacionistas) e outros devido aos seus mestres (socráticos). Alguns adotam o nome de físicos, devido as suas investigações voltarem-se para a natureza, surgindo ainda os éticos, que analisam fenômenos de ordem moral e por fim, àqueles que se dedicam ao verbal, denominados de dialéticos.

Até o momento, vimos que a ciência se origina em uma fase de transformação do intelecto humanoide, um estágio evolucionário entre as atividades puramente instintivas e as primeiras noções de pensamentos inquisitivos, sendo que a Geografia segue as mesmas proporções desenvolvidas no amadurecimento intelectual, onde é necessário aprender a se localizar e identificar pontos de extrema importância para a manutenção de suas próprias vidas. Um destes pontos seria a localização de fontes alimentícias, abastecimento de água, estabelecimento de cidades e observância de postos de comércio. Há importante documento histórico que corrobora com deste fato, é o mais antigo mapa já encontrado na cidade de Ga-Sur ao norte da Babilônia, forjado (feito) em uma pequena placa de barro, datando de 2.500 anos a.C. Tal artefato encontra-se em exposição no Museu Semítico da Universidade de Harvard.

A Geografia se origina dos conceitos filosóficos adotados no berço da civilização humana, que se sustentaram graças aos filósofos outrora descritos. E, tais intelectuais, fundamentaram suas ideias e concretizaram o abstrato, criando desta maneira a Filosofia e a ciência geográfica.

A importância de enfatizar os filósofos e suas academias recai na estruturação e arquitetura do pensamento científico, sendo estes os pilares que sustentam a ciência geográfica. Pois na visão deste que vos escreve, é a filosofia da ciência que embasa (sustenta) todo o processo construtivo da ciência em si. A Ciência é vista pelo escritor como um corpo sistemático/sistematizado único, formado por ramificações e/ou subsistemas caracterizados por sua natureza empírica. Ou seja, cada disciplina que aprendemos na escola, estão interligadas umas às outras e vinculadas aos ramos específicos científicos (Física, Geologia, Astronomia, Geografia, e outras). E cada um desses ramos estão interligado, pois, não existe um sem o outro. Porque, para se estudar um objeto (animal, vegetal, ou estruturas naturais ou artificiais), é necessário conhecer e entender as outras áreas que abrangem todo o científico. Se não correlacionar as outras áreas, sua pesquisa ou os seus estudos (escolar) não terão um amplo campo de visão, logo, alguma coisa vai interferir negativamente em sua análise.

Este aspecto anteriormente citado, não é evidenciado, porque no ensino de base, os professores não interligam suas matérias, criando assim, práxis herdadas. Em 2010 é que iniciou-se este processo, porém muito lento, sendo atualmente evidenciado no programa de ensino denominado ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio, 1998). Forçando então, a atuação dos professores a manter um vínculo entre as matérias.

Agora que entendemos o surgimento da Geografia e a importância dos filósofos na construção da ciência em si, podemos adentrar nas análises que dão vida ao título deste livro.

UMA NOVA ABORDAGEM CONCEITUAL SOBRE ESPAÇO

Muitos autores estudam, descrevem, classificam, reinventam e denominam ESPAÇO. Muitos cientistas e especialistas tentaram especificar e classificar tal conceito dentro de sua análise corporativa comercial. Surge então: Espaço Geográfico, Espaço Mental, Espaço Social, Espaço Físico, Espaço Cósmico, Espaço Regional, Espaço Urbano, Espaço Virtual, Espaço Neutro, Espaço Vital, etc...etc.

Em toda e qualquer ramificação científica surge termo correlato e modificado de sua origem lingüística ou de sua raiz gramatical. Este fato faz com que se abra a possibilidade de criar e inventar novas linguagens e novos significados, porém embasados naqueles que já são descritos nos dicionários da língua de origem. Estas invenções de termos e novas conotações embasadas em algo já estabelecido são evidenciadas por FEYERABEND (1975) e WITTGENSTEIN (1978). Porém pouco se fez para modificar o panorama científico ao que se refere.

Enfocando este ponto de vista, observa-se que muitos estudiosos estabeleceram um conceito próprio de espaço, criando uma infinidade de conceitos, sendo estes abordado amplamente por La Blach, Milton Santos, Correa, Robert de Moraes, Foucaut, Tuan e outros. Além deste fato, ainda se estabeleceram e criaram novos ramos dentro da Geografia, criando inclusive uma nova Geografia.

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, ocorreu uma enorme mudança no setor científico, houve uma “revolução quantitativa e teórica da geografia”.

A Nova Geografia desenvolveu-se procurando incentivar e buscar um enquadramento maior da geografia no contexto científico global, utilizando-se de

metas como: Rigor maior na aplicação da metodologia científica – salienta a necessidade de maior rigor no enunciado e na verificação de hipóteses, assim como na formulação das explicações para os fenômenos geográficos.

Desenvolvimento de teorias – sob o paradigma da metodologia científica procurando estimular o desenvolvimento de teorias relacionadas com as características da distribuição e arranjo espaciais dos fenômenos; Uso de técnicas estatísticas e matemáticas; Abordagem sistêmica.

Mas surgiram correntes contrárias ao positivismo, ou seja, a esta Nova Geografia, como foi o caso da geografia Humanística, Geografia Idealista e da Geografia Radical.

Desta forma descrita, verificam-se os seguintes adeptos do não positivismo, elaborando uma distinção entre as Ciências Humanas e as Ciências Naturais, como Friedrich Hegel (1770 – 1831) e Wilhem Dilthey (1833 – 1911) que estabeleceu a diferença entre explicação e compreensão. Desta maneira, surge uma geografia humana, repleta de contradições e procedimentos diversificados, que estabelecem várias “geografias” em uma só. E uma geografia física, que mantém suas linhas mais conservadoras e com um enfoque mais específico, permitindo pouca variação no estabelecimento de condutas metodológicas, estabelecendo uma única geografia. Porém há termos que se confrontam com a humanística, sendo citado como exemplo: Região.

Palavras de TUAN (Transcrito dos *Annals of the Association of American Geographers*, 66: (2), junho 1976. Título do original: *Humanistic Geography*. Tradução de Maria Helena Queiroz): *“As abordagens científicas para o estudo do homem tendem a minimizar o papel da conscientização e do conhecimento humano. A Geografia Humanística, em contraste, tenta especificamente entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Usarei o modelo etológico na Ciência para prover o ponto de partida para o exame da perspectiva humanista. Outros modelos científicos reduzidos do homem. Homem econômico, por exemplo, podem também servir como ponto de partida, mas para evitar sobreposição e confusão não os tenho usado. A sobreposição existe porque todos os modelos científicos do homem simplificam a capacidade humana de saber, criar e ofuscar. Pode a Geografia Humanística oferecer um novo modo de enxergar os fenômenos geográficos? Para dar uma resposta tenho que brevemente*

explorar cinco temas de interesse geral para os geógrafos: conhecimento geográfico; território e lugar, aglomeração humana e privacidade, modo de vida e economia, e religião.”

Quando se analisa somente o aspecto ou tema citado por Tuan, sem correlacioná-los com a natureza, não caracterizamos uma Geografia pura, mas sim, transformamos a Geografia em ramificações que intervêm e sobrepõe análises não pertinentes ao contexto geográfico (Psicologia e sociologia).

A Geografia é uma ciência de síntese na visão que vem se seguindo desde La Blache, que recebe críticas por este aspecto, sendo assim mencionado:

Palavras de La Blache (Transcrito dos Annales De Géographie, 22 (124): 289-299, 1913.): *“A Geografia é considerada como se alimentando nas mesmas fontes de fatos da Geologia, da Física, das Ciências Naturais e, de certa forma, das Ciências Sociológicas. Ela serve-se de noções, sendo que algumas delas são o objeto de estudos aprofundados nas ciências vizinhas: daí vem, então, a crítica que se faz às vezes à Geografia, a de viver de empréstimos, a de intervir indiscretamente no campo de outras ciências, como se houvesse compartimentos reservados no domínio da ciência. Na realidade, como veremos, a Geografia possui seu próprio campo. O essencial é considerar qual uso ela faz dos dados sobre os quais se exerce. Será que ela aplica métodos que lhe pertencem? Será que traz novos horizontes, de onde as coisas possam aparecer em perspectiva especial, que os mostra sob ângulo novo? Todo o problema é este que está aí. Na complexidade dos fenômenos que se entrecruzam na natureza não se deve ter”. uma única maneira de abordar o estudo dos fatos; é útil que sejam observados sob ângulos diferentes. E se a Geografia retoma certos dados que possuem um outro rótulo, não há nada para que se possa taxar essa apropriação de anticientífica. A Geografia compreende, por definição, o conjunto da Terra. Este foi o mérito dos matemáticos-geógrafos da Antigüidade (Eratóstenes, Hiparco, Ptolomeu), o de colocar em princípio a unidade terrestre, o de fazer prevalecer esta noção acima das descrições empíricas das regiões. É nesta base que a Geografia pôde-se desenvolver como ciência”*.

La Blache tem a idéia que a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens. Quem estuda os lugares sem a atuação humana? Sua visão de mundo é muito restrita ao pensamento naturalista da época em que formulou suas interpretações. Atualmente todos os ramos científicos estão trabalhando com a interferência humana

no meio, e o lugar só é estudado metafisicamente.

Quanto ao problema da Geografia utilizar ou avançar no campo de outras áreas, isto é descartado, pois todos os ramos científicos se sobrepõem em um determinado ponto, porém cada um se estabelece dentro de seu enfoque de estudo. E o enfoque geográfico deve atender contextos ambientais, forjados (construídos e criados) por uma cadeia interativa de elementos sociais humanos e físicos, que estabelecem ou criam fenômenos naturais. Levando-nos a entender que cada indivíduo é um elemento natural, um animal que está integrado a todos os elementos e seres existentes neste planeta. E gostando ou não desta frase, nós pertencemos ao reino animal e enquanto não mudarmos nossa conduta, seremos sempre animais. Pois, o ser humano é o único capaz de crueldades jamais evidenciadas por outros espécimes.

"A geografia é talvez a ciência de história mais longa. Ela começa, na verdade, com as primeiras comunidades gentílicas" que através de migrações chegaram "ao conhecimento mais amplo da superfície da Terra e a tendência ao registro ou à transição desse conhecimento. Trata-se incontestavelmente de material geográfico" (SODRÉ p. 13).

Material geográfico não significa científico, porque estes materiais descritos por Sodré são os primeiros mapas mentais e posteriormente representações gráficas em um tablete de barro (o primeiro mapa produzido no mundo), sem a intenção de precisão ou de estudos científicos. Como Sodré mencionou, a Geografia é um ramo da ciência muito antigo, porém os geógrafos não construíram uma base teórica sólida, que estabelecesse o seu objeto de estudo. Ao contrário do que se esperava, houve uma divergência ao processo construtivo de tal elemento magno, criando ou desenvolvendo duas geografias bem distintas.

Desta forma, inicia-se uma corrida entre os próprios geógrafos para estabelecer regras e conceitos calcados no "Objeto Espaço", tentando impor metodologias embasadas na teoria de alguns filósofos práticos, pensadores, sociólogos e outros. Tentando ainda definir Geografia, conforme se observa nestes exemplos:

Definição de Geografia: segundo Albert Demangeon, em 1942 : é o estudo dos grupos humanos nas suas relações com o meio geográfico".

Emmanuel de Martonne define em sua obra *Traité de Géographie Physique*,

que a “*geografia moderna encara a distribuição à superfície do globo dos fenômenos físicos, biológicos e humanos, as causas dessa distribuição e as relações locais desses fenômenos*”. Estas duas interpretações anteriormente citadas explanam de forma bem simplificada o objeto de estudo da Geografia, que nada mais é do que a relação sociedade/natureza. Porém esta relação é observada distintamente e sem uma correlação direta entre ambas.

Geografia Humanística: Possui a fenomenologia existencial como a filosofia subjacente. Edmund Husserl (1859-1939) foi quem atribuiu os significados contemporâneos a fenomenologia. “*A fenomenologia não é nem uma ciência de objetos, nem uma ciência do sujeito : ela é uma ciência da experiência*”. Este tipo de abordagem foi adaptada a Geografia com o despoite de Tuan, que defendia o processo fenomenológico da capacidade do ser humano criar mapas mentais. Ou a perspectiva de uma pessoa em se localizar mentalmente em um determinado território ou local. E pelo simples fato de um ser consciente produzir tal elemento cartográfico virtual, estabeleceu-se a ideia do espaço fenomenológico, sendo este de cunho geográfico. Ainda dentro deste ramo filosófico, encontramos a Geografia Idealista: representando uma tendência para valorizar a compreensão das ações envolvidas nos fenômenos, procurando focalizar seus aspectos inferiores, que são os pensamentos subjacentes às atividades humanas. O idealismo é uma alternativa ao positivismo.

A Geografia estabelece como objeto de estudo o Espaço. Porém, existem vários espaços conforme mencionado anteriormente. O mais interessante, é que nenhum destes determinam com exatidão sua concreta e irrefutável alegação de ser o objeto de estudo da Geografia. Pois o geógrafo atua enfocando a natureza que se resume em duas coisas (o que faz parte e é natureza):

- **Seres abruptos:** Que são elementos encontrados em todo o universo e são conhecidos ou nomeados como: átomo, moléculas, estrelas, sóis, planetas, luas, minerais, rochas, montanhas, vulcões, ventos, solos, mares, rios, água, chuva, cristais de neve, cristais minerais, sombra, vales, neve, gelo, fogo e etc.
- **Seres Orgânicos ou Bio orgânicos:** São elementos orgânicos vivos e mortos (corais e conchas, por exemplo). Sendo que os elementos mortos se preservam em estruturas. E os vivos formam sociedades, comunidades ou individualismo. Dentro deste grupo enquadram-se os seres

humanos e suas sociedades.

A sociedade humana estabelece, cria, transforma, regenera, convive, desenvolve, integra e interage na natureza, concretizando novos ambientes e modificando as paisagens naturais, estabelecendo paisagens artificiais, sempre reajustando estas duas paisagens para o seu conforto e sustento. Esta observação estabelece uma natureza artificial criada pelo ser humano. Pois o homem não gosta do que é natural, ele gosta da natureza humana. Sendo assim exemplificado:

Vamos preservar o mico-leão-dourado! Para quê? Para que no futuro eles existam, para que nossos filhos possam ver! **Para que nossos filhos possam ver!...**Não porque a natureza necessita deles.

Vamos preservar a natureza! “Eba...Vamos!” Mas e os mosquitos da dengue? Matamos todos, porque transmitem doenças para os seres humanos! - Mas eles não fazem parte da natureza? Não temos que preservar a natureza?

- Temos que manter nossa maior criação **a cidade** sem um foco de dengue ou outra doença causada por seres vivos, sejam doenças fabricadas pelo homem ou pela natureza. A natureza pode ser pura ou antrópica. Exemplo de natureza antrópica: Elevação topográfica com cobertura pedológica embasada em resíduos descartáveis, seres vivos clonados, diamantes forjados em laboratórios e etc. Tendo ainda, o exemplo de natureza pura: Nascimento de celacanto (*latimeria chalumnae*) – uma espécie de peixe muito raro e que existe em nosso planeta desde a era mesozóica.

A cidade é de natureza antrópica, no entanto, não é um espaço construído pelas mãos humanas. É um ambiente artificial, montado, fixado e formado na superfície terrestre (espaço terrestre), pois se fosse na lua, seria no espaço lunar”.

Para realçar tal afirmação, lembrar-te-ei que existem locais de visitação pública criadas especificamente para atender as condições climáticas e características similares às condições de vida das espécies que lá se encontram. Como é o caso do parque temático “SEA WORD”, localizado em Orlando - Florida (EUA). Nessa referida área destinada ao lazer, encontramos ambientes que atendem aos padrões reguladores que propiciam a vida animal. A característica de maior importância para este caso seria o ambiente criado para os pingüins, que possui um sistema de precipitação de cristais de gelo (neve) e temperaturas equivalentes ao seu domínio austral.

Mas a cidade é ou não um ecossistema?

Para alguns autores, como ODUM (1988), consideram a cidade um ecossistema incompleto (heterotrófico), que dependem de grandes áreas, pois seus ambientes de entrada e saída são dependentes de fatores externos e influências sócio-políticas. Odum não considera ser possível um sistema autotrófico porque as relações políticas não permitem tal desenvolvimento.

Atualmente as cidades não devem ser analisadas em seu núcleo, mas sim em sua área de abrangência, suas influências e relações - comerciais/econômicas, culturais, religiosas e políticas. Diante de tais anotações, observa-se que as cidades na atual circunstância histórica refletem um sistema autotrófico, pois além das regiões metropolitanas vinculadas ao campo e/ou ao processo de conurbação, evidenciamos uma unificação de áreas, que estão diretamente ligadas e administradas pelo núcleo, além de influências de políticas internas e externas. Sendo que, na natureza os ambientes autotróficos naturais, conforme prevê Odum, também são influenciados por políticas ambientais, militares e de infra-estruturas. Logo, não existe mais um Planeta independente, ou ambientes que não sofram com ações/atuções humanas e de suas políticas.

Todos os sistemas complexos dependem de inter-relações dinâmicas externas e internas de sub-sistemas, tais como, fatores variáveis condicionantes que desempenham o equilíbrio e/ou desequilíbrio do funcionamento do sistema global e/ou maior. Citar-se-á um exemplo de uma das várias estratificações recorrentes nas cidades como: a malha viária, que é formada por vias e ruas, que se integram e geram uma característica modal daquilo que se entende como um fenômeno e/ou atributo urbano, que complementa outros contextos de características físicas e sociais, tais como: pessoas, veículos, sinalização, normas e jurisprudência. Todos estes, desenvolvem e criam o denominado ambiente de tráfego. Este sistema permite o fluxo de pessoal, mercadorias, documentos e dinheiro, dando origem ao ambiente de trânsito, permitindo que outros sistemas possam funcionar, como a coleta, reciclagem e manutenção do lixo, setor financeiro, previdenciário, judiciário, legislativo e executivo, de segurança, educação e saúde pública. Cada sub-sistema/sistemas descritos se interagem e se complementam com outros, originando todos os componentes responsáveis para que existam os ambientes que integrados aos demais, formam e desenvolvem as cidades. Sendo que o sistema viário ficaria comprometido caso houvesse um “apagão” energético ou acontecesse uma calamidade pública e/ou

climática, desestabilizando completamente este ambiente. Logo, temos um ecossistema (artificial autotrófico) urbano.

Deve-se salientar que o campo e a cidade estão intimamente ligados, pois as decisões do uso do solo, aspectos econômicos de produção e manutenção do meio ambiente, são tomadas no âmbito urbano. Inclusive as questões indígenas. Sendo que atualmente, toda a produção “camponesa” é voltada ao lucro, principalmente quando se visualiza o mercado internacional. Pois a tendência é a agricultura e/ou as atividades agropecuárias serem de precisão. Lógico, que ainda existe a produção de subsistência, porém este tipo de cultura deve ser suplantado devido aos avanços tecnológicos e determinações administrativas governamentais futuras. E toda a produção agrária visa o abastecimento das cidades, que no momento presente, só é possível graças aos investimentos econômicos fornecidos pelas cidades, além do fluxo de mercadorias campo/cidade-cidade/campo. E a principal fonte de energia que sustenta ou é responsável pela manutenção existencial das cidades e do campo, é a economia (global ou local), pelo menos até o momento atual. E esta economia é criada pela força de trabalho da sociedade e do fomento e/ou das determinações políticas, gerando o desenvolvimento ou a sua ruína, tanto da sociedade em geral, bem como, da cidade em si. Pois a cidade é um ambiente controlado e criado por nós. Porém, caso haja um fator variável, o desenvolvimento da cidade fica comprometido, podendo gerar as chamadas cidades fantasmas e/ou dependência tutelar política regional distrital, municipal ou federal.

Em um futuro próximo, não teremos apenas navios, mas haverá cidades flutuantes, pois existem rios, mares e oceanos, além de tecnologias que propiciam tal ideologia. Tenho a convicção de que alguma cidade holandesa ou a italiana Veneza serão experimentais ao se tratar deste assunto. Porém, o mais provável, é que as mãos humanas construa suporte flutuante auto-sustentável, que propicie condições de vida a uma aglomeração de pessoas e suas atividades.

Os conceitos aqui postulados podem ferir a percepção de alguns profissionais que estão ligados aos preceitos acadêmicos do Século XX, pois a Geografia carece de novas abordagens, principalmente ao fato de se confirmar e defender com vigor o espaço como sendo a fonte vital dos estudos e da existência da geografia. Sendo assim, faz-se necessário desenvolver diálogos abertos em eventos acadêmicos, que possibilitem novas concepções ao tratado geográfico.

Antigamente, mais especificamente nas décadas de 1960 até o final de 1970, a Geografia apenas descrevia a natureza, e os professores em sala de aula, administravam as aulas desenvolvendo trabalhos em que os alunos pintavam, desenhavam e decoravam mapas com rios, montanhas, países e outros aspectos físicos, associados as decorebas dos aspectos humanos. Porém, nunca fizeram uma correlação e nem uma explicação do por que de se decorar todos aqueles aspectos geográficos. E todo este processo vinha da academia, estabelecendo um ritmo desenfreado de termos “espaciais”, enquanto que os alunos sofriam com os “espaços decorebáticos”. Porém, o que realmente os alunos necessitavam saber não era explicado, sendo que ainda hoje encontramos pessoas que não sabem identificar no mapa as nascentes, qual o curso do rio e a importância disto, e até mesmo, nem sabem a que estado pertence seu município e como surgem os municípios, estados e países. Tem crianças que não sabem quantos metros tem uma quadra. É necessário mostrar aos alunos e a sociedade em geral, a importância da Geografia e o que de fato ela ensina. Mas para isso, os geógrafos tem de saber o quê de fato a Geografia faz!

Até que surge a visão do Espaço Geográfico, estabelecido por Santos (1978), sendo desenvolvidos vários trabalhos que complementavam as análises espaciais, como as obras de sua autoria: “O Espaço Geográfico como categoria filosófica” (1983), “Espaço e Método” (1985) e “O Espaço Interdisciplinar” (1986). Suas análises se contrapõem a teoria do comportamento, que se fundamenta em parâmetros psicológicos, criando a ideia de que o ser humano é produto de seu ambiente. Para Milton Santos, o ser social é que desempenha a função de criador do espaço, fundamentando-se em teorias de cunho sociais e não psicológicas. Graças a este grande pensador, a Geografia inicia uma nova corrente de pensamento e enriquece sua maneira de atuar na comunidade mundial. Porém, os geógrafos não possuem um estabelecimento de paradigma único, defrontando-se com duas vertentes completamente opostas ao método e aos estabelecimentos de sua abordagem científica e profissional. Dentro de cada área geográfica, mais especificamente dentro da visão humanística, geram-se “várias geografias”. E todas estas Geografias estabelecem o Espaço como objeto de estudo. Mas o quê de fato é estudado? O espaço? Não! O que sempre foi estudado pela Geografia, por mais que não se aceitem isso, foram as relações sociais e suas influencias na natureza e vice-versa. Sendo que atualmente, deve-se observar as relações do *Homo-sapiens-sapiens* (onde ele está)

simultaneamente com as relações ambientais/físicas planetárias. Ou seja: Que tipo de influência a sociedade humana exerce sobre a paisagem e no espaço, ao mesmo tempo em que estes citados (paisagem e espaço) influenciam as sociedades e/ou o indivíduo humano.

Quando se fala em aspectos geográficos associados à economia, implicitamente se calca o impacto ambiental, pois a humanidade transforma matéria prima (petróleo, madeira, água, gás, e outros) em bens de consumo (móveis, canetas, tintas, tapetes, borracha e etc.).

Cada ramo científico possui sua especificidade, porém somente a geografia estabelece a relação **SOCIEDADE/NATUREZA** como foco de estudo. E quando não mais o fizer, não será Geografia. Transformar-se-á em Sociologia, Geologia e outras áreas afins.

Outro problema evidenciado recai na maneira de como alguns trabalhos geográficos são elaborados. Em sua maioria, é quase uma ramificação das ciências sociais e econômicas, transformando a Geografia em um ramo destas citadas.

De outro lado, temos a Geografia Física, que muitas vezes enfoca o relevo, a hidrografia e todos os aspectos geográficos pertinente a esta ramificação, porém dentro de uma análise mais próxima do social. Tendo como expoentes os Ilmos. geógrafos Aziz Nacib Ab'Saber e Helmut Toppmair, mas ainda existem pesquisadores que se esquecem da sociedade humana e suas relações. Quando se desenha a sociedade dos aspectos físicos geográficos, estamos sobrepondo áreas de cunho geológico, pedológico e áreas afins.

Para Corrêa (1982), a Geografia não existe se não houver teoria espacial, estabelecendo sempre o espaço como objeto de estudo da Geografia.

Corrêa (1995, p. 15 a 45) tenta especificar ou conceituar o espaço abordando as várias definições dentro de cada corrente filosófica (pensamento geográfico), finalizando com uma não conclusão. Na página 16 o autor menciona: “*No presente texto considerar-se-á o conceito de espaço tal como os geógrafos entendem*”.

Primeiramente o geógrafo não conceituou espaço ainda, ficando este debate em aberto até os dias de hoje.

E a Geografia segue seu caminho criando subdivisões dentro de sua própria ramificação científica. Sempre estabelecendo novos “Espaços”.

Palavras de Milton Santos (1996) “*Um sistema de realidade, ou seja, um*

sistema formado pelas coisas e a vida que as anima, supõe uma legalidade: Uma estruturação e uma lei de funcionamento. Uma teoria, isto é, uma explicação, é um sistema construído no espírito, cujas categorias de pensamento reproduzem a estrutura espacial, organização do espaço, estrutura espacial que assegura o encadeamento dos fatos (...) O problema é encontrar as categorias de análise que nos permitem o seu conhecimento sistemático, isto é, a possibilidade de propor uma análise e uma síntese cujos elementos constituintes sejam o mesmo. (...) Quando Armando Corrêa (1982) enuncia que não há Geografia sem teoria espacial consistente, afirma também que esta “teoria espacial consistente” só é válida se dispuser de um conceito referente a natureza do espaço.”

Na página 73, sub-capítulo 12, Milton Santos discursa: *“O espaço é o resultado da soma e da síntese, sempre refeita, da paisagem com a sociedade através da espacialidade. A paisagem tem permanência e a espacialidade é um momento. A paisagem é coisa, a espacialização é funcional e o espaço é estrutural. A paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. A espacialização é sempre o presente, presente fugindo, enquanto a paisagem é sempre o passado, ainda que presente. O Espaço é igual a paisagem mais a vida nela existente; é a sociedade encaixada na paisagem, vida que palpita conjuntamente com a materialidade. A espacialidade seria um momento das relações sociais geografizadas, o momento da incidência da sociedade sobre um determinado arranjo espacial. A espacialização não é o resultado do movimento da sociedade apenas, porque depende do espaço para se realizar.”*

As idéias de Milton Santos estabelecem que o espaço é criado pela sociedade, sendo sua tese formulada em base de teorias sociais, divergindo-se de teorias psicológicas, como a teoria do comportamento, amplamente utilizada na Geografia alemã, até os idos de 1999. Porém, a Geografia deve manter sua independência, criando e desenvolvendo suas próprias teorias, embasadas no campo observacional e experimental e ao mesmo tempo, nos limites históricos e metafísicos. Evitando adentrar em campos de teorias puramente sociais, biológicos, geológicos e/ou de cunhos específicos ao físico terrestre.

Vários trabalhos geográficos foram estabelecidos com visão de Milton Santos. Cita-se como exemplo: Palavras de Kozel (1999, p. 28) *“É imprescindível adquirir uma visão de conjunto, de mundo, de sociedade e natureza. Pensando a cidadania*

como participação, integração a um todo maior estabelecido e vivido na realidade através da relação sociedade natureza, na produção do espaço. E a Geografia é o veículo que elegemos esse estar no mundo. Viver, pensar, participar, localizar-se neste espaço dinâmico e contraditório é o que denominamos de espaço geográfico. A terra é o lugar de múltiplas relações e a Geografia é uma das lentes que permite a sua leitura. O olhar geográfico sobre o mundo se projeta através destas múltiplas relações, onde o aluno é produtor do espaço e o espaço é o produto. Os homens criam seus espaços. (...)”.

O espaço é conceituado e definido por Nitsche (2001) como:

Espaço: é a estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e os ambientes. E só existem dois espaços que são: O Espaço Cósmico e o Espaço Planetário, sendo que o mais importante no momento (para a Geografia), é o espaço terrestre. Pois, é aqui no Planeta Terra que a sociedade humana estabelece suas relações, compactuando, correlacionando, impactando de maneira positiva e ao mesmo tempo negativa, integra-se e interage com a natureza (seja ela pura ou artificial), pois o ser humano estabelece relações com a natureza pura e com a sua própria natureza. E são estas relações que os geógrafos estudam ou devem se preocupar.

A paisagem pode ser artificial ou natural, pois uma paisagem artificial é aquela que foi modificada ou construída pela ação antrópica (ação do homem e sua sociedade). Este fato está evidenciado no trabalho “Três Barras do Paraná”. Dentro da perspectiva abordada nesta citada obra, a sociedade humana criava e construía espaço, porém, este espaço era construído de forma sistêmica e suas relações são todas interligadas. A contribuição maior foi demonstrar que a sociedade e o indivíduo modificam a paisagem e restabelecem novas paisagens, ao mesmo tempo em que criavam novos ambientes. E que toda esta relação está calcada em um conjunto de sistemas complexos, formados por sub-sistemas. Posteriormente, se verificou que todos os componentes paisagísticos naturais e artificiais são sustentados e construídos em espaço concreto e definido. Pois, o ato ou fato, de se delimitar uma área não significa construir espaço, pois se está apenas dimensionando uma porção do espaço. Porém, o que se irá construir dentro deste perímetro é o ambiente. Muitas pessoas entendem que ao se realizar um limite municipal, estadual ou internacional, está se criando ou desenvolvendo um espaço. O que ocorre, na realidade, é uma

marcação/demarcação territorial espacial. Mais nada! E esta fronteira estabelece que aquele perímetro pertence a alguém. Ou seja: a porção espacial demarcada é o lugar onde um grupo de pessoa irá desenvolver seus ambientes, modificando as paisagens, consecutivamente interferindo parcialmente ou completamente no sistema que mantinha o antigo ambiente. Observe, que ao se modificar a paisagem e interferir no meio, você estará desenvolvendo um ambiente propício ou não a vida de alguns seres vivos, possibilitando ainda, a geração de novas espécies e/ou compactuando com mudança comportamental ao modo de vida de animais e plantas. Mas toda esta intervenção está voltada para duas metas principais: A primeira é o lucro que se pode adquirir e a segunda é o bem estar de alguns indivíduos ou da sociedade em geral. Pois; no mundo em que vivemos, a ação humana visualiza apenas o valor que engendra mais valor, arriscando a própria vida humana, bem como do planeta em si.

O *Homo-sapiens-sapiens*ⁱ. não constrói estruturas morfodinâmicas, ou seja: o ser humano não forja ou cria planetas ou espaço cósmico. Talvez daqui a 1000 anos o homem possa criar o projeto Gênesis (Jornada nas Estrelas II e III), porém necessita de uma matriz ou um espaço pré-estabelecido (planetas ou grandes corpos celestes), que se caracterizam como estruturas morfodinâmicas para atingir tal propósito. Criando posteriormente um ambiente. Posso citar como exemplo a criação de ilhas artificiais com o objetivo de expansão territorial para empreendimentos imobiliários, como se evidencia atualmente na cidade de Dubai. A configuração geográfica de Dubai limita seu desenvolvimento, pois sua costa possui apenas 59,5 km e os condomínios e hotéis dominam a costa do Golfo Pérsico de Dubai. Por este motivo, em 1993 iniciou-se a primeira construção da ilha artificial de Dubai, onde o famoso hotel Burj Al Arab foi construído. Sendo este referência para um projeto de cunho “mega-ambiental-artificial”, que se caracteriza como a criação de ilhas artificiais. Observe que tal operação exige recursos naturais, tais como rochas, areia, água potável e alimentos para os trabalhadores/empregados. Além de outras fontes de materiais e energia.

Formar-se-ão lagos e/ou planificação topográfica devido ao encerramento das atividades exploratórias de mineração de rochas (granito e calcário). Ainda dentro deste tema, pode-se inferir que haverá mudanças de correntes marinhas locais e as massas de ar serão influenciadas pela nova topografia, sendo que estas modificações proporcionarão alterações no complexo sistema local e até mesmo global,

perfazendo novos ambientes. Esta mudança propiciará uma adaptação aos novos padrões ambientais, desencadeando uma série de conseqüências positivas e negativas às espécies que hoje habitam tal localidade, inclusive para a espécie humana, no que diz respeito a economia local e global (visando turismo, novas atividades comerciais e empreendimentos imobiliários), modo de vida, oportunidades financeiras e tecnológicas. Observe que não estamos construindo espaço, estamos preenchendo ou ocupando um espaço já existente. Crie várias ilhas que preencham todos os rios, oceanos e mares. Logo, você terá ocupado todo o espaço onde havia água disponível no planeta. Temos todo o espaço do mundo para conquistarmos!

Entende-se por espaço morfodinâmico, um corpo ou objeto celeste sólido, que sofra ao longo do tempo mutações e deformações, devido aos fatores e processos naturais de erosividade característicos e existentes naquele espaço, sofrendo ainda as influências das forças geradas e/ou estabelecidas pelo espaço cósmico (irradiações, deslocamentos planetários e/ou estelares, planetas, asteróides e satélites naturais e etc.).

O espaço nos fornece materiais e os meios para criarmos os ambientes, bem como materiais para forjarmos ferramentas. A sociedade humana vai utilizar sempre os recursos naturais, para inventar recursos artificiais.

A paisagem é modificada, recriada e estabelecida pela ação humana constantemente, porém esta paisagem está moldada e fixada em um espaço concreto e definido (que no caso do momento presente é o nosso planeta Terra).

Quando Milton Santos refere que paisagem é coisa, sua análise não afirma ser moral ou metafísica. Pois do ponto de vista moral, coisa é tudo o que não é uma pessoa; ou seja, os animais e os objetos inanimados. Dentro da metafísica, coisa é o ser enquanto essência. Analiso desta forma, que Milton Santos caracterizou a paisagem dentro de uma visão moral. Nesta visão, a sociedade não pode ser considerada coisa. Desta forma, a sociedade não está inserida na paisagem e no espaço ao mesmo tempo, pois se assim fosse, a sociedade seria parte integrante paisagística natura-artificial.

Palavras de Hume (1949 n. 10 pp. 167-188): *“Cada um admitirá prontamente que há uma diferença considerável entre as percepções do espírito, quando uma pessoa sente a dor do calor excessivo ou o prazer do calor moderado e quando depois recorda em sua memória esta sensação ou a antecipa por meio de sua*

imaginação. Estas faculdades podem imitar ou copiar as percepções dos sentidos, porém nunca podem alcançar integralmente a força e a vivacidade da sensação original. O máximo que podemos dizer delas, mesmo quando atuam com seu maior vigor, é que representam seu objeto de um modo tão vivo que quase podemos dizer que o vemos ou que o sentimos. Mas, a menos que o espírito esteja perturbado por doença ou loucura, nunca chegam a tal grau de vivacidade que não seja possível discernir as percepções dos objetos. Todas as cores da poesia, apesar de esplêndidas, nunca podem pintar os objetos naturais de tal modo que se tome a descrição pela paisagem real. O pensamento mais vivo é sempre inferior à sensação mais embaçada.”

A nossa sociedade renova a paisagem e cria novas feições paisagísticas, porém não se caracteriza como um elemento paisagístico. Na verdade, a sociedade humana desenvolve o papel de elemento completo do espaço (Planeta Terra) e da paisagem, assim como os outros animais. Esta explanação exige a definição de paisagem, sendo assim apresentada:

Primeiramente recorreremos ao dicionário Aurélio (2001), onde se expressa a seguinte definição: Espaço de terreno que se abrange num lance de vista.

Conforme Milton Santos (In: *Metamorfose do espaço habitado*, Cap.5, p. 61, 1996), *“Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.”*

Nas palavras deste que vos escreve, ao se eleger a sociedade como paisagem, atribuímos uma característica não plausível ao termo, conforme já explanado anteriormente. Mesmo que se observe o espaço terrestre (planeta Terra) de uma altitude que nos permita visualizar as pessoas se movimentando e atuando na superfície do nosso planeta, temos a percepção ou ideia de uma paisagem única, composta de seres vivos e seres abruptos, formando desta maneira a paisagem terrestre. Mas é uma percepção equivocada, porque a paisagem deve ser entendida como estruturas fixas naturais vivas ou existentes (como árvores, montanhas, recifes de corais) ou artificiais (edifícios, crateras de escavação mineral e outros) que estão em constante evolução.

A sociedade não é uma estrutura natural física (coisa). É a organização de um aglomerado de pessoas ou grupos que ocupam uma determinada porção do espaço

planetário, produzindo com suas forças de trabalho o ambiente propício às necessidades, tanto pessoais, bem como sociais. Quando estas pessoas são vistas de um patamar mais elevado, percebemos suas movimentações simultaneamente, mas que não se preservam na paisagem. É uma permanência momentânea durante o período de observação. É a mesma coisa quando observamos um cupinzeiro, durante o dia, os cupins se deslocam por todo o seu habitat, dando a impressão de que sua casa é um organismo vivo. Porém, não passa de uma estrutura de sedimentos compactados. Caso aconteça algum fenômeno em que tenham que deixar sua morada, a estrutura (cupinzeiro) permanece parcialmente ou completamente, sendo integrante paisagístico. E por quê os cupins não são um integrante? Simplesmente porque se retiraram e foram construir outra habitação em um outro local/lugar. O mesmo acontecendo com os seres humanos (que também estão em constante desenvolvimento, movimento e evolução), não possuem atributos paisagísticos, porque podem se deslocar e podem ir para fora de nosso planeta, levando consigo animais. Tal propriedade nos permite complementar a paisagem deste e/ou de um outro planeta ou de outros corpos celestes, logo, de outros espaços. E animais que pertenciam a uma determinada paisagem, podem se deslocar para nichos ou locais não característicos, devido a atuação antrópica (envio de cães e macacos para o espaço sideral, desmatamento, queimadas e outros).

Nesse momento, nosso caro leitor deve se perguntar: Já que estudamos o espaço geográfico e todas as suas representatividades, e o autor deste diz que não é exatamente isso que focamos. Então, a Geografia é e faz o quê?

Ou seja: A Geografia é ciência? O quê de fato ela estuda? O que faz o geógrafo?

Tais indagações no levam ao texto que ora vos apresento:

GEOGRAFIA...FERRAMENTA DE ANÁLISE OU CIÊNCIA?

A Geografia deve ser científica e não apenas uma ferramenta de análise, pois todas as ciências são em sua essência uma ferramenta de análise. Pois existem bases teóricas e práticas metodológicas concretamente formadas e evidenciadas, caracterizando uma abordagem empírica, isto é: que se descarta o metafísico, baseia-se apenas na experiência pura, com possibilidade de falseamento e aplicação de

métodos para teste direto ou indireto.

Porém, observamos que tais processos estão cognitivamente ligados a uma abordagem não empirista, ou em que, num dado momento não há como estabelecer um padrão concreto de abordagem empírica. Tal análise condiciona a Geografia como sendo uma ciência **histórico/empírica**. Descartando assim a ideia de que a geografia é uma ciência de síntese. Pois; todos os ramos científicos são em sua essência sintéticos. A ciência geográfica é Histórica quando não há a possibilidade de recriar ou verificar uma característica repetitiva de um determinado fenômeno, portanto é uma ocorrência ou fato único. Um exemplo disto: As condições climáticas do Período Devoniano. E empírica, quando se pode testar, analisar e verificar, direta ou indiretamente um fenômeno que se constata no momento, podendo ou não ter um padrão histórico evolucionário (seja ele natural ou não). Exemplo: Êxodo rural municipal.

A Geografia enfoca esta relação/associações e ainda descreve e prescreve estas e suas feições naturais ou artificiais. Porém cada pesquisador desenvolve este enfoque de maneira específica, dentro de uma análise paradigmática, estabelecendo um enfoque puramente sócio-econômico ou puramente relevando aspectos físicos.

Assim posto, pergunta-se: A Geografia é realmente que tipo de ciência: Social ou Física?

O que faz gerar esta dúvida, recai no objeto de estudo da Geografia que até o presente momento não foi caracterizado concretamente. Nenhuma outra ciência enfoca as relações sociais humanas com as relações naturais físicas conjuntamente. Por este motivo a Geografia deve estabelecer este conceito e parar de teorizar espaço.

Quando o geógrafo não mais possuir dúvidas com relação ao seu objeto de estudo, e quando adquirir coragem e se unir com seus colegas geógrafos para se impor no mercado científico (mercado de trabalho), estas dúvidas não mais serão cogitadas.

Faz-se necessário compreender que a ciência é um corpo único com ramificações, o conjunto global formado por grandes áreas do conhecimento, sendo estas constituídas de grupos de especialização profissional que possui várias ramificações e sub-ramificações (usarei como analogia a representatividade de um ser marinho, conhecido como polvo). Pois; alguns pensadores entendem que a ciência são arcabouços particulados/compartimentados que devem se ater única e

exclusivamente a uma porção específica de uma determinada área de estudo. Mas assim como o polvo utiliza seus braços para apanhar alimento e trazê-los até sua boca, a ciência utiliza-se de suas ramificações na intenção de saciar a busca pelo saber.

Mas é impossível que cada grande área e suas subdivisões desenvolvam suas funções sem correlaciona-las ou que sofram influências de outras que não pertençam ao “arcabouço” específico daquela ramificação, área, ou porção. Ou seja: a Paleontologia não pode perpetuar seus estudos, sem se utilizar de particulados de outras grandes áreas, ou até mesmo, de sub-ramificações de outras ramificações de áreas afins e/ou não correspondentes diretas. O mesmo acontece com todas as ciências, inclusive com a Geografia.

O espaço terrestre é o mais importante para o contexto geográfico (no momento), pois o próprio nome da ciência Geografia advém do entendimento de descrever a Terra. Porém, apenas descrever, não condiciona a área de estudo como uma ciência, sendo necessário desenvolver teorias e encontrar respostas aos questionamentos que equacionam e expressam o funcionamento da dinâmica dos elementos físicos terrestres, associados à dinâmica dos elementos extraterrestres, vinculando e correlacionando estes citados, a nossa sociedade e sua participação nas alterações e/ou influências diretas e indiretas, tanto destes elementos, quanto dos elementos sociais, estabelecendo a dinâmica antrópica, desenvolvendo-se esta, em base da **RELAÇÃO SOCIEDADE/NATUREZA**.

Quando acontecer de os pesquisadores desenvolverem pesquisas conjuntamente, a sociedade científica, bem como a sociedade em geral, irão receber muito mais informação e a ciência avançará muito mais rápido. Pois no atual estágio de desenvolvimento humano, o individualismo atrasa o progresso científico.

Às vezes um pesquisador está desenvolvendo um trabalho semelhante ao do colega ao lado (ambos pertencem à mesma instituição), porém não se unem para expor as ideias e juntamente publicarem os conhecimentos adquiridos. E mesmo que as ideias sejam opostas, mas se objetivo ou o enfoque for o mesmo, deve-se trabalhar da mesma forma e publicar o trabalho como um diálogo de contra pontos, que irá adicionar conhecimento e gerar interpretações positivas aos seus leitores. Pode-se citar como exemplo, a obra “Modernização Reflexiva” (1995).

A Geografia se preocupa com as atividades e relações humanas no meio, sendo este o ponto fundamental. Desta maneira, observa-se que são as relações

humanas e suas influências ao ambiente e vice-versa - onde o homem está (Planeta Terra, Marte, Lua, nave espacial, estação espacial e Espaço Cósmico), que é estudado pela ramificação científica ora analisada. E tal estudo condiciona ao expoente das profissões voltadas ao planejamento urbano/rural e/ou se preferir planejamento ecológico-econômico, que nada mais é: PLANEJAMENTO AMBIENTAL. Pois a bagagem intelectual do profissional geógrafo capacita o indivíduo a atuar de forma mais significativa e vicinal no âmbito de elaboração de planos de desenvolvimento governamentais que visem o aprimoramento do uso dos recursos humanos e naturais. Sendo estes, estudados conjuntamente, buscando o equilíbrio entre as disposições e necessidades humanas e das exigências mínimas para se manter o nosso Planeta vivo. Qualquer ação de desenvolvimento social/econômico, deve respaldar uma confluência às questões naturais puras e vice-versa (caso ainda queira desenvolver projetos voltados à natureza pura). Empregando-se métodos científicos que se enquadrem no bojo deste discurso e/ou tema.

As etapas e todo o procedimento metodológico empregado na área geográfica tem que ser de cunho científico histórico ou empírico. Mas que não seja apenas analítico ou descritivo como vem sendo até hoje feito.

Contudo, é equivocado pensar que novas ideias surgem graças exclusivamente à experimentação. Novas ideias, mesmo no campo das ciências, surgem através do livre pensar, ou até mesmo de uma manifestação do subconsciente (sonho), que direta ou indiretamente está ligado as suas necessidades.

Um fato óbvio deste cizaniar tal conceito, recai na simples questão funcional das coisas criadas pelo homem. Por quê foram criadas?

Exemplo: Vamos imaginar que você leitor, está nascendo neste momento, sem pai, nem mãe. Não há uma civilização, não existem ferramentas, nem utensílios domésticos, você está sozinho em um mundo formado por plantas, animais, rochas, e todo os outros objetos paisagísticos encontrados no espaço terrestre. Logo, você sente fome, tem que se alimentar. Mas tudo o que vê são pequenos roedores correndo e se escondendo entre as rochas. O que você faz? Intuitivamente, sua primeira ação será correr atrás do alimento. Então, se cansa de ir e vir sem resultado. Qual sua segunda ação? Arremessar uma pedra no roedor com uma atiradeira! Desta maneira, você criou um método para caçar roedores, com o auxílio de uma ferramenta que sua intuição criou, embasada na experimentação e associado com a sua necessidade

peçoal. Porém, você pode observar este pequeno ser indo e voltando, mas ao contrário do primeiro exemplo, ao invés de você correr atrás do alimento, sua atitude será de elaborar uma armadilha, pensando em cercá-lo com pedras. Desta maneira, seu intelecto organizou e deduziu algo sem a experimentação. E as melhorias de sua armadilha virão somente depois de analisar os acontecimentos ocorridos após a construção de seu artifício. Ou seja: Suas observações experimentais se iniciam quando você constata que os roedores estão saltando sobre o amontoado de rocha utilizado para cercar os roedores. Sua mente reage de imediato e o obriga a elevar a altura, criando um muro com apenas uma saída. Depois de algum tempo, começa a surgir uma hipótese: Será que esta armadilha pode ser usada para apanhar outros animais?

Palavras de Mesquita Filho (1993): *“Nada impede que uma idéia venha a ser aceita até mesmo quando não há experiência alguma a comprová-la. Inadmissível, a princípio, seria a aceitação de um conceito a contrastar com a existência de dados experimentais consistentes a falseá-lo.*

Porta (1999), retrata o conhecimento "a priori", a embasar as ciências empíricas, com as seguintes palavras: *"Se há um conhecimento que tenha as qualidades de necessário e universal então ele não pode ser empírico e, em consequência, é, por oposição, 'a priori'."*

O caráter universal da ciência empírica está explícito na regra científica fundamental. Por paradoxal que possa parecer, universalidade implica em apriorismo e conhecimento "a priori" é aquele que não pode ser suficientemente fundamentado pela experiência. Logo, a regra científica fundamental não é justificável pela experimentação e nem passível de falseabilidade. Não obstante, o paradoxo se desfaz pela própria regra, pois ao afirmar que os demais princípios "também" são universal num contexto espaço-temporal, a regra garante-nos que tais princípios possam ser enunciados em decorrência de observações particulares (rigorosamente falando, deixam de ser princípios, transformando-se em leis). Ou seja, a regra científica fundamental assume todo o apriorismo inerente à ciência. Por exemplo, Galileu ao reduzir o atrito chegou à conclusão que o movimento dos corpos terrestres se conserva (inércia), falseando o argumento de Aristóteles. Longe de ir contra a experimentação, a regra científica fundamental dá suporte à experimentação, como que a garantir a evolução de um idealismo transcendental

(teorização) para um realismo experimental (prática”).

Estes argumentos foram descritos aqui, devido ao fato de muitos estudantes acadêmicos registrarem suas ideias de que a Geografia não é uma ciência, e sim, uma ferramenta que auxilia outras áreas do conhecimento. Sendo a ciência um corpo único; a Geografia e todos os outros ramos científicos são ferramentas para se alcançar o conhecimento e a busca pelo saber.

As estruturas que sustentam as bases de criação e existência da Geografia, estão calcadas em um complexo discernimento filosófico da realidade observada pelo pesquisador, das relações humanas, das leis que regem um ou mais sistemas, ordem de elaboração existencial de paradigmas, fundamentação epistemológica, aquisição da experiência, metodologia dedutiva ou inconsciente, posicionamento das ideias de vivacidade de um argumento idealizador dos parâmetros que sustentam uma hipótese ou uma teoria, compartimentos distintos ao que se refere a subdivisões da ciência, imposição política administrativa, influências de poder e por fim, elaboração de conceitos que determinam o objeto de estudo de uma ciência e/ou ramo científico.

Todos os seres vivos exercem um papel importante na estruturação da paisagem e são influenciados direta ou indiretamente pelos processos naturais responsáveis pela manutenção da vida, tanto destes seres, quanto do espaço planetário em si. Desta forma, a Geografia se enquadra dentro das **ciências ambientais e/ou ciências da terra**. Tal análise somente é possível no campo limite, entre as questões físicas e as questões humanas, entendendo que o equilíbrio ecológico se mantém graças às pesquisas propícias ao desenvolvimento e estabelecimento do bem estar social, bem como do bem estar natural. Pois atualmente é o ser humano e sua sociedade que estabelece e decide o que vive e o que deixa de viver no planeta. Estabelecendo ainda, o que se mantém natural ou não. Sendo que os fenômenos naturais têm pouca influencia, se comparado ao final do Século XIX, mas que muitas vezes são decisivas e definitivas. Não menosprezando estes no Século XXI. Porque os fenômenos naturais puros, interferem diretamente nos ambientes agrários, pecuários, pesqueiro e outros. Logo, esta visão de que a ciência e a sociedade evoluiu ao ponto de que as intervenções climáticas, geológicas e outras, não são relevantes, é equivocada.

Quando estabeleço a Geografia dentro das Ciências Ambientais, é porque nos concentramos a estudar o impacto (positivo ou negativo) que a sociedade causa ao

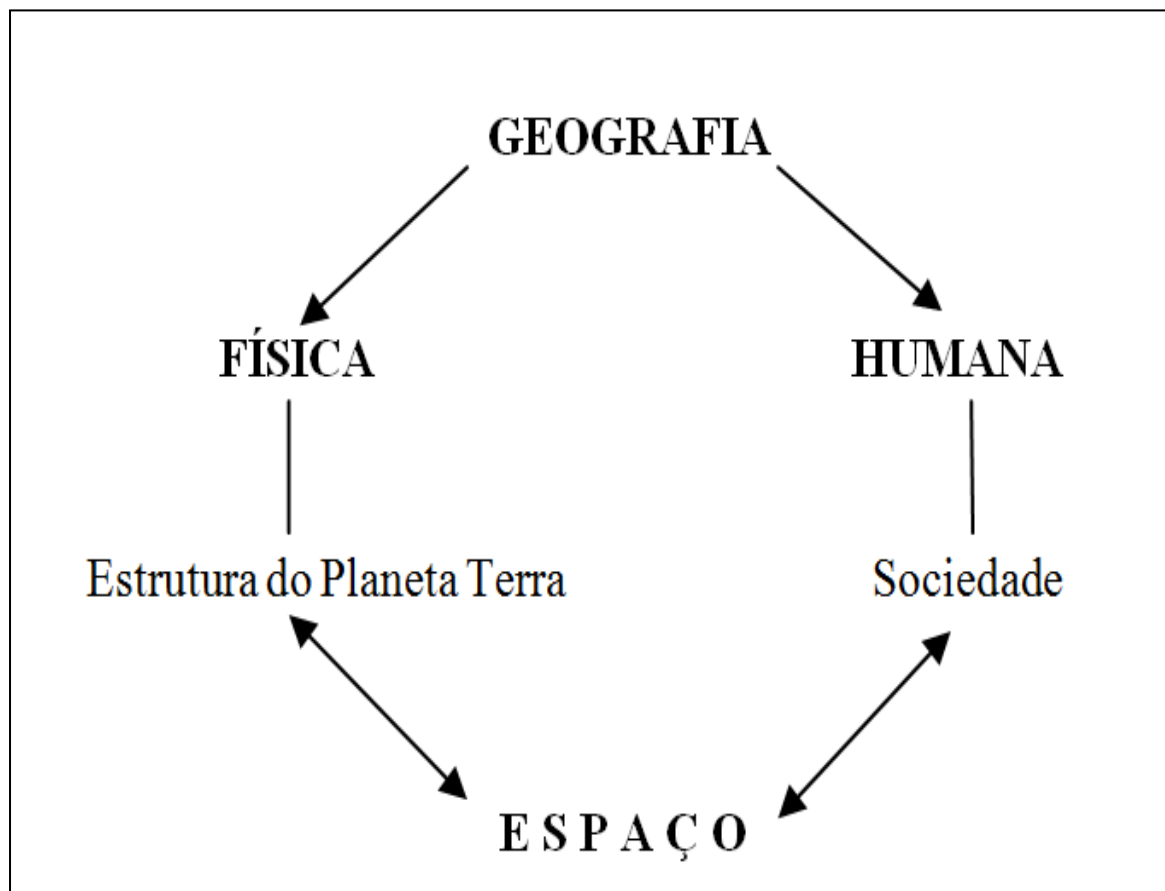
meio físico e vice-versa. A sociedade humana é uma característica natural antrópica e o ser humano é natural (próprio da natureza pura). O que se estuda não é a atuação da sociedade no meio apenas, mas esta interação conjunta da natureza pura, natureza humana e nós – ser social. Estabelecendo desta maneira um conjunto sistêmico e dinâmico, que não pode ser separado, sendo que este conjunto de fenômenos se estabelece na crosta terrestre. Por exemplo: O geógrafo estuda as influências/mudanças climáticas e suas consequências à sociedade, estabelecendo ainda, as influências que a sociedade exerce aos aspectos climáticos (poluição atmosférica – chuva ácida e outras proposições que surgirem em sua mente). Desta forma, não se avalia um aspecto social puro, ou um aspecto físico in situ, mas um fenômeno natural - gerados pela natureza pura e antrópica ao mesmo tempo. As análises e seus resultados gerados por este tipo de abordagem propiciarão um diagnóstico interativo que possibilitará ações de planejamento governamentais e/ou de cunho particular científico/empresarial. Mencionando como exemplo: O estudo das transgressões marinhas causadas pela mudança climática em uma determinada região, onde ocorre a redução da faixa litorânea, comprometendo as estruturas de moradias e/ou comerciais, bem como, intervindo nas atividades sócio-econômicas e/ou particulares de cada indivíduo. Mas seja lá qual for a atitude tomada, haverá com certeza, uma mudança significativa na paisagem.

Em um único trabalho científico geográfico pode apresentar questões de cunhos testáveis e não testáveis, mesclando postulados históricos e empíricos. Graças a esta particularidade, é que se torna possível estabelecer união entre a Geografia Física e a Humana, desencadeando uma nova perspectiva ao contexto geográfico. Mas para que tal proposta obtenha sucesso, é necessário refutar o espaço como objeto de estudo. Além deste fato, ainda faz necessário compreender que a ciência é um corpo único, o conjunto global formado por grandes áreas do conhecimento, sendo estas constituídas de grupos de especialização profissional que possui várias sub-ramificações. Pois, alguns pensadores entendem que a ciência são arcabouços particulados que devem se ater única e exclusivamente a uma porção específica de uma determinada área de estudo.

Ciência nada mais é, que a busca pelo saber. Por este motivo, há de se compreender que as demarcações científicas não são ciências, são ferramentas e artifícios que nos levam ao conhecimento específico ou global. Que se tornam

científicas ao longo de suas adaptações metodológicas e de suas práxis.

Logo, a Geografia se afirma como ciência e não deixa de se apresentar dessa forma:



Esta estruturação nos dá uma arquitetura que formata a Geografia da seguinte maneira:

G E O G R A F I A



GERAL



HUMANA

FÍSICA

ECONÔMICA

GEOMORFOLOGIA

AGRÁRIA

BIOGEOGRAFIA

URBANA

CLIMATOLOGIA

POLÍTICA

HIDROGRAFIA

GEOPILÍTICA

CARTOGRAFIA

DEMOGRAFIA

GEOPROCESSAMENTO

Ao se manter estas estruturas, todos os trabalhos geográficos se tornam máscaras geográficas, conforme demonstro nos textos que se sucedem.

AS MÁSCARAS

A importância dos relatos anteriormente registrados, recai na facilidade de percepção da condução e construção dos pensamentos conjecturais que se expressarão no ânimo de se modificar os moldes atuais geográficos. Tentando estimular a comunidade científica à uma nova experiência, construindo uma realidade que atenda

aos avanços futuros.

Dito isso, podemos adentrar na problemática que não permite a existência de uma Geografia. O que, para muitos colegas, isso é descartado, porque as ramificações geográficas são complementárias, desfazendo essa problemática. Logo; demonstro que esses complementos, são na verdade, máscaras.

A caracterização de um trabalho semi-geográfico em puramente geográfico, é que define, e dá vida ao título deste manuscrito. E essas questões estão sendo transmitidas conforme se sucedem os textos que ora se lê:

Teremos que unificar a Geografia, para que possamos estabelecer uma ciência concreta e definitivamente geográfica, sem inserções de teorias exteriores.

Para que se possa alcançar tal propósito, o mais coerente é estabelecer o planejamento ambiental como cunha de atuação na profissão do geógrafo. Mas isso somente ocorrerá se houver uma união entre os membros da ciência ora aclamada, inclusive, reunindo grupos de estudos e de pesquisa afim de responder a esta proposta. Unindo-se também para a observação e solução de fenômenos evidenciados no âmbito geográfico (união entre os pesquisadores para desenvolver pesquisas). Pois como dito no livro: “Contra o espaço geográfico”, a individualização só atrasa o avanço científico. E a maneira mais fácil de realizar ambas as propostas ditas, é aceitar que a atuação do profissional do geógrafo se estabelece no campo do **planejamento ambiental**.

Ao eleger o planejamento ambiental, deve-se descartar o espaço como foco de estudo, realizando uma revolução nos atuais moldes teóricos, enfocando então, as relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está. Somente assim, teremos o desmascaramento de uma Geografia una que permite a confluência de todas as questões geográficas observáveis.

Embasando-me nos trabalhos: **(1)**. Três Barras do Paraná”. Ed. Letra das Artes. Curitiba – Pr, 2001. **(2)** “Espaço...Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?”. Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001. **(3)** Desenvolvimento Sustentável e Influências Sócios- Econômicas Geradas no Município de Três Barras do Paraná, devido a Construção de Salto Caxias. Revista Paranaense de Geografia, Paraná- Brasil, v.7, p.07-16,2001. **(4)** NITSCHE,

J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. “Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais”. Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54. Cheguei a conclusão de que a sociedade não cria espaço, ela desenvolve/cria ambientes. **Não estou dizendo que a sociedade é produto de seu ambiente.**

Estou afirmando que a sociedade cria e desenvolve o(os) ambiente(es)! E o espaço mencionado e/ou classificado pelos geógrafos de nossa atualidade, nada, mais é que, a delimitação territorial onde ocorrem estes fenômenos das relações citadas agora pouco. E são estas associações/relações que são de fato estudadas. O espaço em si é observado em segundo plano.

Em muitas teses e trabalhos acadêmicos, a única coisa que diferencia a Geografia da Sociologia, Economia, Artes e outras áreas sociais e humanas, é um mapa, que em muitos casos, possui apenas a localização da área estudada. Há inclusive trabalhos que se utilizam do espaço geográfico para respaldar e embasar projetos e dissertações em linguística aplicada como este que vos apresento:

Antes de adentrar nesta literatura, deve-se chamar a atenção aos “res” geográficos, como por exemplo: “(Re) Pensando a Geografia” “(Re) Afirmação”, (Re) Estruturação e assim por (re) diante! Esses “res”, são rés que não nos levam a Reação, a Revolução de querer fazer...fica tudo apenas no (re).

Voltando ao relato mencionado anteriormente, temos este trabalho de Camila Lawson Scheifer (In: D.E.L.T.A., 31-especial, 2015 (223-252)):

“(RE)Afirmação do Espaço na e para além da Linguística Aplicada: Apontamentos Teóricos e empírico metodológicos”.

Onde em seu resumo discursa:

“Este artigo representa uma tentativa de estabelecer teórica e empiricamente possíveis pressupostos para o estudo do espaço como uma prática social. Tendo como referência teóricos que afirmam que o espaço não é meramente o pano de fundo estático onde a ação sócio-histórica se desenrola, mas um construto social que resulta de uma série de colonizações temporárias problemáticas que dividem e conectam as coisas em diferentes tipos de coletivos, estou interessada no papel material, simbólico e corpóreo dos processos de significação na criação das colonizações temporárias das quais o espaço resulta”.

Palavras-chave: prática social; espaço; significação; rede.

Dentro da análise ambiental geográfica que proponho, afirmo que o espaço não

resulta nada! O espaço é a estrutura morfodinâmica que sustenta as paisagens e as coisas que nele existe e os seres que nele habita. Mas ele não é involutivo, está sempre em constante mutação/evolução. E o espaço que a autora se refere, na verdade são nichos ou recantos criados **no (e não do)** espaço e não são produtos de grupos de pessoas. O que se tem na verdade, é o surgimento temporal linguístico que se concentra em uma determinada e pequeníssima área **do** espaço terrestre e no espaço não palpável uma prática social.

Na página 226 de seu artigo, temos a seguinte mensagem:

“E, por sua vez, a complexidade da realidade social que caracteriza as sociedades ditas modernas, especialmente no que diz respeito as consequências espaciais da cultura digital ou cibercultura, que tem tornado evidente e imperativa a necessidade de teorizarmos sobre o espaço no campo de estudos da LA. Isso porque, mais do que em qualquer época anterior, o meio digital não somente potencializa em termos quantitativos e qualitativos a nossa experiência espacial como também a torna crítica, uma vez que as fronteiras entre espaços tidos como discretos, como o *online* e *off-line*, tornam-se empiricamente tenues e porosas (Leander 2008)”.

Agora sim estamos falando de espaço criado e concebido, porque é o espaço virtual/não palpável, uma realidade que nós construímos e o concretizamos, mesmo que virtualmente. Nesse espaço, há tudo o que as teorias espaciais afirmam ser possível e são realidades não palpáveis, mas concretas. E nele, a sociedade virtual, com suas redes e canais, formam, criam e desenvolvem novos mundos, novas linguagens, novos dicionários, novas aplicações linguísticas e pronúncias, além de novos espaços geográficos não articuláveis no mundo físico, estabelecido no concreto espaço físico ao qual estamos inseridos (Planeta Terra).

Na página 229 (esp), conota:

“O fato do espaço ser resultante de uma série de relações entre elementos inerentemente híbridos (Thrift 2003), articulados a partir de trajetórias (ou histórias) específicas (Massey 2005), nos coloca uma complexidade com a qual somente é possível lidar sob a ótica de epistemologias transfronteiras que abarquem o simbólico e o material de uma perspectiva integradora. No âmbito dos estudos em nossa área, tal atitude significa filiar-se a abordagens transdisciplinares (Signorini; Cavalcanti 2004) ou indisciplinadas (Moita Lopes 2008) de se fazer Linguística Aplicada. Ainda que a diferença epistemológica entre essas abordagens tenha sido tema de discussão nos

ultimos tempos (Moita Lopes 2004; Leffa 2006; Severo; Paula 2010; Scheifer 2013), não é de meu interesse aqui pontuar tais diferenças, apenas marcar que, em virtude da natureza complexa do espaço, o seu estudo demanda percursos de investigação que apostem na “metáfora da trama movente” (Fabricio 2008) como forma de se construir conhecimento”. Que continua na página 130 (esp), com as seguintes observações:

“Nesse sentido, além do diálogo com a Geografia, aproximações com a Teoria Ator-Rede (TAR) (Latour 2005) podem ser proficuas para pensarmos uma abordagem teórica e metodológica que nos permita estudar as redes heterogêneas das quais o espaço resulta sempre como um efeito. A TAR se ocupa de redes heterogêneas, já que constituídas de atores humanos e não humanos. Uma rede heterogênea corresponde a uma prática social porque congrega entidades de tipos distintos (humanas e não humanas, concretas e abstratas, materiais e imateriais) que não possuem qualquer qualidade inerente; ao contrário, adquirem forma e funcionalidade de acordo com as relações que estabelecem com outras entidades dispersas na rede (cf.: Buzato 2012b:787)”.

Como observado, todas as ciências e suas ramificações, se complementam, se interagem e até mesmo se incorporam. Utilizei o trabalho de Scheifer para demonstrar tal conclusão, pois aparentemente não possui vínculo algum com as análises geográficas. Mas ela se utilizou do método “fio-condutor/conector” que possibilita tal feito e efeito. E a produção espacial de sua tese, é totalmente virtual, por mais que se queira mascarar com teorias espaciais geográficas, que vitaliza e sintetiza o espaço. O que corrobora de forma cabal, que o espaço só é produzido no âmago cibernético e psicológico-filosófico ou psico-motor instintivo. Logicamente que em um tratado assim, não há a possibilidade de desenvolver um diagnóstico ambiental físico, mas é possível realiza-lo virtualmente com os alunos ou gerentes.

No momento atual os pesquisadores e professores geógrafos ainda trabalham com conceitos estabelecidos nos anos 60 (1960), sendo estes confrontados e remodelados nos anos seguintes, tendo sempre como foco espaço geográfico, que se mantém como chave, ainda hoje, nas duas ramificações denominadas de Geografia física e Geografia humana. Sendo que até 1996 não havia interação destas, quando surgiu a tentativa deste que você escreve, de correlacioná-las integralmente, com a obra “Três Barras do Paraná”, sendo esta embasada no método criado por este que você escreve desde 1996, que foi o início deste projeto, finalizado em 2000. Porém; não há

uma fusão concreta e que preencha as questões de cunho puramente geográfico. Sendo este apenas um mascaramento para não revelar a ausência de teorias que possam suprir ou responder os fenômenos evidenciados neste trabalho. Logo; foi dada a tentativa de inter-relação entre questões físicas e humanas com um respaldo apelativo ao método de intercâmbio metodológico, que propiciou a denominação de **diagnósticos interativos**. E tais diagnósticos eram formulados na observação e visualização de um fio condutor e conector, que possibilitaria as várias inserções de teorias, procedimentos e metodologias distintas, mas que se alcançariam o objetivo e a realização de projetos científicos (não metafísicos).

A dificuldade de se trabalhar com este tipo de diagnóstico, está na identificação do fio condutor/conector, porque este tem de ser elaborado no momento em que se identifica, estuda ou descobre o fenômeno a ser analisado. E claro, construir um modelo prático e metodológico que dê base para a atuação de pesquisa que atenda parâmetros da Geografia física e Geografia humana ao mesmo tempo.

Encontramos outro mascaramento geográfico em pesquisas moldadas e respaldadas em conceitos espaciais puros, mais especificamente os que tratam da concepção de lugar. Podendo citar vários modelos; mas analisaremos um em específico:

“O lugar como uma construção espacial” de Erika Vanessa Moreira (Revista Formação, n. 14 vol. 2 – p. 48-60), nos transmite as seguintes observações/aprendizado:

Embasando-se em (Santos, 2005, p. 161), a autora tenta restabelecer uma convergência entre a geografia humanística e a geografia crítica, revelando o fio condutor que possibilita a complementação de ambas. Concluindo que o lugar é formado ou construído na integração das ações dos atores, dos grupos e das trocas, isso faz com que o lugar deixe de ser um mero espaço vivido e passa a ser uma construção socioespacial. E tal conclusão somente foi possível, graças a incorporação da ação dos fenômenos externos, dentro da visão humanística.

É um trabalho exclusivamente de cunho geográfico, porém, uma máscara, se quisermos ter uma única Geografia. Mas que tipo de mascaramento houve aqui?

As análises são estabelecidas na competência da ramificação geográfica humana, seguindo o fio-condutor/conector que possibilita este tipo de integração. Porém, não menciona em seu trabalho se obteve esta ideia por influência dos já mencionados projetos deste que vos escreve, ou se elaborou de forma instintiva. Se não realizou um estudo bibliográfico, pode-se interpretar que foi por inspiração. Caso tenha realizado,

isso indica que, de duas uma: a) Leu os manuscritos e não quis informar a fonte. (b) Não se importou em verificar a bibliografia física. Desprezando a ramificação geográfica citada.

Voltando a atenção à máscara geográfica, podemos concluir que: Tal dissertação desprezou os contextos geográficos físicos. Suas análises do lugar não incluem uma metodologia que possibilite estudos dos fenômenos naturais que propiciam ou sustentam a construção socioespacial do local com enfoque ambiental planejado. Ou seja: Não há uma análise ambiental na íntegra. Logo, não pode conceber parâmetros para uma Geografia concreta e única.

Seguindo este rito, de expor e explanar os trabalhos que se utilizam desse artifício de mesclar ou converger teorias e métodos, incluiremos mais um, que em seu título possui mais um RE:

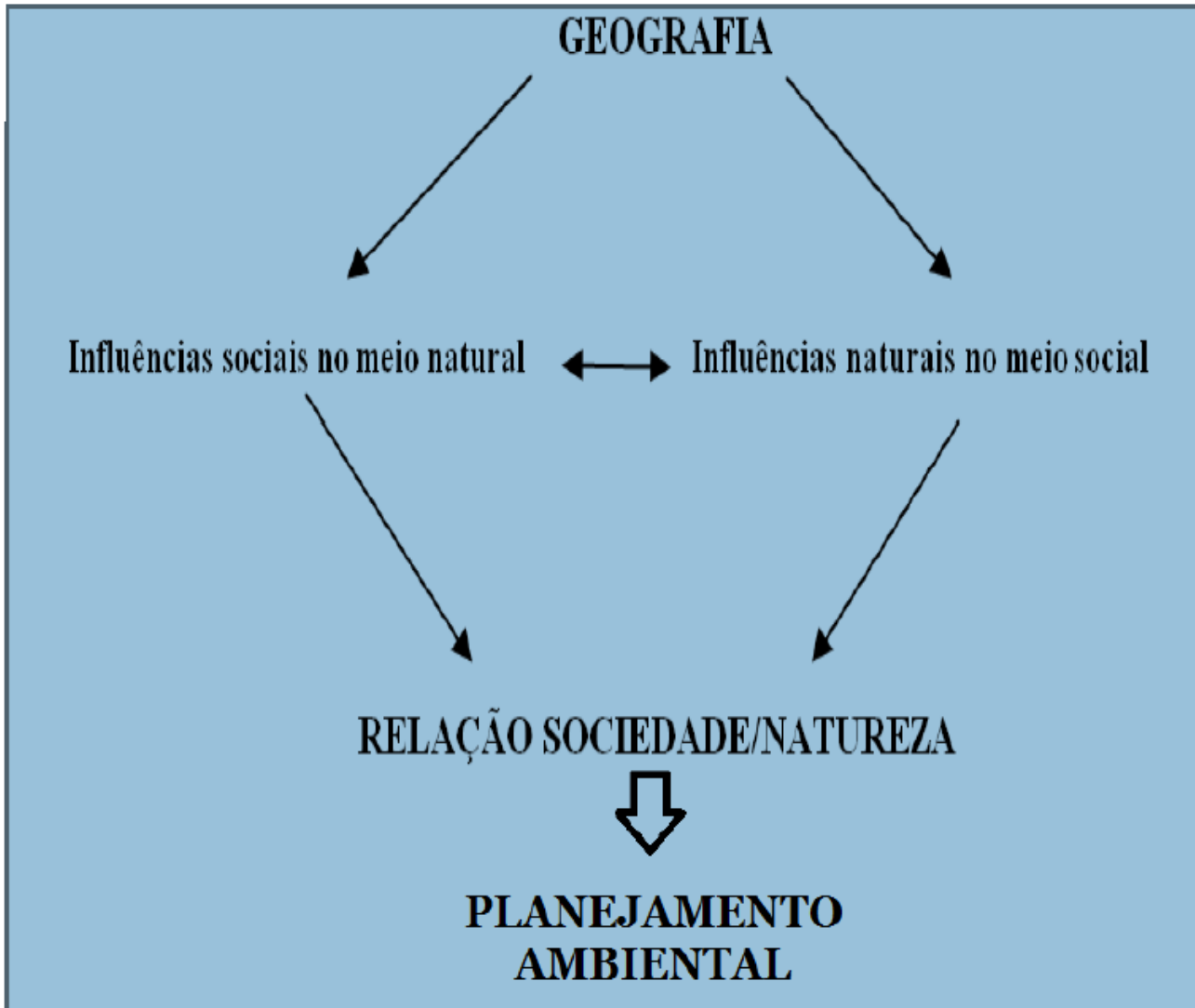
“(RE)Pensando a Geografia. História, métodos e práxis” in: SOUSA, Reinaldo (Re)Pensando a Geografia: História, Objeto, Método e Práxis / Reinaldo Sousa, Fernando Antônio da Silva. - Maceió: Eduneal, 2011. 180 p.)

Os autores recorrem ao retrospecto histórico, porém, realizam uma análise crítica nos procedimentos geográficos e trazem a tona a falta de textos que tratem com vigor a questão do método, e/ou a falta dele. E todo o trabalho, se estabelece, como muitos outros que se utilizam do caráter dialético. E não se tem um respaldo que possa orientar um planejamento ambiental ou implementar novas linhas metodológicas ao que se refere.

Estes foram alguns dos milhares de trabalhos realizados nas diversas áreas das ramificações e sub-ramificações geográficas, que, devido aos moldes atuais, se transformam em máscaras geográficas. Sendo estes exemplos suficientes para explicar o que minha pessoa está tentando expor à sociedade geográfica.

Atualmente há planos de desenvolver a tal da Geografia Regional, dentro dos moldes apresentados.

Até o presente momento não entendo pôr quê do regional. Deveria ser apenas Geografia e suas subdivisões seriam as ramificações que observamos neste modelo anteriormente mostrado. Logo; sugiro um novo modelo, como o apresentado:



Assim teremos: Geomorfologia urbana, Geomorfologia agrária, Geomorfologia econômica, Geomorfologia política, Geomorfologia demográfica. E seguindo-se: Biogeografia urbana, biogeografia agrária, e assim por diante, até chegarmos as últimas combinações, onde se adicionarão cultura, cibergeografia e licenciatura, cada um com seus sub-ramos que atendam aos levantamentos e resolução das problemáticas ambientais.

Devo esclarecer os significados de Geomorfologia política e demográfica, pois, tenho certeza que há dúvidas com relação a estes termos. Sendo assim, descrevo:

Geomorfologia política: Estudo que se aplica aos modelados de relevo antrópico, graças a ações, deliberações e atribuições de cunho político, ou seja: quando há intervenção dos governos em geral, como por exemplo: o desmantelamento e/ou destruição de um obstáculo geográfico, como o de um maciço

granítico, que impede a circulação de massas de ar.

Geomorfologia demográfica: Estudo das feições de relevo atribuídas aos processos de assentamentos/ocupação. Relevo desenvolvido por características demográficas.

O planejamento ambiental exige um conjunto de métodos, teorização e técnicas, que somente são alcançados com uma atuação geográfica concentrada e preservada dentro das análises criadas pela união de geógrafos, descartando o individualismo dos trabalhos científicos.

Claro, que estas combinações, são apenas um modelamento hipotético experimental. Mas a base para se desenvolver uma ciência não dicotômica, está na estruturação anteriormente demonstrada.

Assim dito, teremos uma nova definição e uma inserção única na tabela classificatória das ciências. E um estabelecimento único nas unidades de ensino que tem em seus conglomerados a Geografia.

O texto descrito anteriormente, retrata o verdadeiro campo de atuação do geógrafo: **PLANEJAMENTO AMBIENTAL!**

Esta estruturação nos eleva a uma redefinição de Geografia:

Geociência que trata das relações ambientais sociais humanas e suas associações interligadas aos ambientes naturais físicos e suas integrações com os fenômenos naturais do espaço morfodinâmico onde o ser humano está e de suas leis.

É importante observar que a presença humana não está consolidada neste Planeta e sim, em qualquer corpo celeste onde o homem possa viver/sobreviver.

Todos os resultados sociais e tudo o que os geógrafos estabelecem, definem e conotam que é produto da sociedade...o espaço geográfico, por incrível que pareça, não se dá ou se forma neste. Logo; não somos (a sociedade) criadores de nossos espaços. Mas de nossos TERRITÓRIOS!

A sociedade cria, forma e estabelece territórios, graças aos processos, que, até o presente momento é definido como espaço geográfico. Dessa forma dita, a determinação, definição e atributos que dão vida aos manuscritos e a dinâmica de trabalhos, hipóteses e teorias que são formuladas dentro da visão de espaço geográfico, deveriam se estabelecer dentro da visão formadora de territórios.

Um grupo linguístico não cria espaço, mas estabelece um território, que pode ser micro, meso, ou macro. Ou seja: dentro do território brasileiro (macro), encontramos vários territórios distintos, cada um com, o que hoje se aceita como fundamentos, embasamentos e contextos que definem espaço geográfico. Logo, o espaço geográfico é o território em si, criado pela relação sociedade/sociedade e a natureza, que vai gerar o processo de estruturação, construção e arquitetura cultural, política e econômica de um país, estados, municípios, bairros e guetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A história da ciência é a história das substituições de paradigmas após uma situação de crise à qual pode se seguir uma revolução científica".

(I. L. ARAÚJO)

Os geógrafos da atualidade, do início do Século XXI, estão embrenhados em desenvolver análises baseadas em (re)leituras, despontando críticas e observações de cunho puramente discursivos, sem a preocupação em desenvolver novas premissas e métodos que possam romper as propostas que vem sendo realizadas até os dias atuais (2016). E garanto, que nada irá mudar até os idos de 2021, tempo esse, acredito, que haja pequenas inferências e interferências, mas nada tão concreto e que possa gerar uma ruptura extraordinária nos paradigmas que regem as geografias.

A Geografia tem que se preocupar com o desenvolvimento de métodos eficazes ao planejamento ambiental.

E o espaço não é construído de forma física, mas de forma virtual e concretizado na percepção vertiginosa que é embasada na análise psicosociogeográfica, criando a falsa convicção de que a sociedade cria seus espaços.

Nós, construímos e criamos os ambientes, modificamos e transformamos as paisagens, perfazendo novas paisagens, e com este processo, os ambientes são construídos e desenvolvidos (por enquanto), na superfície terrestre de forma concreta.

O espaço geográfico, nada mais é que a territorialidade construída e conformatada pelas atividades sociais em todas as suas abrangências.

Tudo o que se faz na Geografia deve ser correlacionado e interligado com os processos ambientais de ambas as naturezas, somente assim, poderemos concretizar o abstrato, remodelar os padrões geográficos e construir uma Geografia do Século XXII. Pois, o século XXI não está preparado para as questões e transformações que descrevo no atual momento.

As palavras de uma aluna (do ensino fundamental) da cidade de Rio Claro no Estado de São Paulo, “*Geografia é aquela matéria que só mostra coisas de ricos e pobres*” (frase descrita na Revista Galileu, nº 134, ano 12. p. 86-87. Ed. Globo. São Paulo, 2002), demonstra bem esta sobreposição dos enfoques sociais e o desencaixe geográfico.

A Geografia não é uma ciência restrita ao social, pois se assim fosse, se estabeleceria no campo da sociologia (e seria sociologia), e outras ciências sociais. A observação desta aluna do ensino fundamental esclarece muito bem o que se desenvolve em sala de aula durante a disciplina de Geografia. Os professores não têm muita culpa, pois suas praxes se voltam ao que foi aprendido nas academias. E os geógrafos que desenvolvem os livros didáticos ou apostilas, enfocam muitas vezes uma geografia fora de seu objeto de estudo.

Desde o surgimento do primeiro hominídeo na superfície terrestre, estabeleceu-se a relação individual e social deste ser com os demais componentes da natureza. E a ciência que melhor visualiza esta relação é a Geografia. Não a Geografia Humana e não a Geografia Física, mas a Geografia que estabelece a relação sociedade/natureza na íntegra.

A Geografia é e sempre foi a Ciência das relações humanas com a natureza (relação do homem/sociedade onde ele(a) está). O que os geógrafos objetivam são as relações, fluxos, dinâmica desenvolvimentista, correlações e interações que se estabelece entre a sociedade humana e seus impactos (positivos e negativos) com a natureza e vice-versa. Logo, o espaço por si só, é irrelevante aos questionamentos geográficos. Porque, na verdade, atualmente o que se estuda é o processo de construção de territorialidade, podendo esta ser: micro, meso, ou macro. Que equivocadamente foi concebida como espaço geográfico.

Para podermos desenvolver uma Geografia pura, faz-se necessário embasar

todos os trabalhos científicos na **questão do planejamento ambiental** (equilíbrio entre ambiente social e o ambiente natural, associados aos fenômenos naturais puros). Somente assim, poderemos desmascarar a semi-geografia e transformá-la em uma Geografia única e concreta, estabelecendo esta, dentro das **Geociências**.

A Geografia deve conceber suas próprias teorias!

E a você que chegou a ler até aqui, agora tem algo novo para analisar e discutir com seus colegas ou com si mesmo.

Pode-se até desenvolver uma atividade acadêmica, familiar ou social, criando um tribunal para julgar estas questões aqui postuladas. Afinal...nós criamos espaços ou ambientes? O espaço geográfico é realmente o território que criamos?

Aproveito para agradecer aos nobres leitores por esta oportunidade de explanar tais pensamentos e por sua espontânea leitura deste.

DESCARTAS O ESPAÇO E TERÁS UMA GEOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA E SUPORTE BIBLIOGRÁFICO

1. AB'SABER, A. N. & MENEZES, C. “O que é ser Geógrafo: Memórias Profissionais de Azir Nacib Ab`Saber em Depoimentos a Cynara Menezes”. Ed. Record, Rio de Janeiro-RJ, 2007.
2. ANDRADE FILHO, F. Antônio de. “Teoria dos Valores”. In site O Recado da Pesquisa (<http://www.orecado.cjb.net>), outubro de 2000.
3. ANDRADE, M. Correia de - “Atualidade do pensamento de Élisée Reclus” in ANDRADE, M. Correia de (org.) Élisée Reclus. São Paulo: Ed. Ática, 1985, pp. 7-36 .
4. AUGÉ M. “Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade”. Campinas, Ed. Papirus, 1994.
5. BARSA. Enciclopédia Ed. Barsa Planeta, São Paulo, 2000.
6. BECK U. “Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna”. Ed. UNESP, 1997.
7. BECKER, Bertha K. - “A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável” In CAPEL, Horacio - “El curso de las ideas científicas ” terceira parte In Filosofia y Ciência en la Geografía Contemporánea. Espanha: Barcanova, 1981, pp. 245-509.
8. BERTALANFFY, L. Teoria Geral dos Sistemas. Ed. Vozes, Petrópolis – RJ, 1973.
9. BERTRAND, G. Paysage et Geographie Physique Globale: esquisse méthodologique. Revue Géographique des Pyrenées et du Sud-Quest 39(3). Toulouse, 1973. p. 249-272.
10. BRAIDWOOD, P. “Filosofia da Ciência em Evidência”. Ed. Companhia Editora Nacional, 1907. São Paulo-SP.
11. BRÉHIER, Émile, “Historia de La Filosofia”, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, Tomo Primero, 1948.
12. BRUNET, In: Folha de São Paulo – 15/07/2002. p.11
13. CASTRO, I. et alli (orgs) – “Geografia: conceitos e temas”, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, PP. 271-307.
14. CAVELL, S. “Declining Decline, Wittgenstein as a Philosopher of Culture”. In: Lectures after Emerson, Batch Press, Novo

México, 1989.

15. CHRISTOFOLETTI, A. - “As Características da Nova Geografia” In CHRISTOFOLETTI, A. (org.) – “Perspectiva da Geografia”, 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1985.

16. COSTA, W. M. “Geografia Política e Geopolítica”. São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1992.

17. DANTE, A. (2002) – p. 44. Título original: "La Divina Commedia". Tradução de Fábio M. Alberti – São Paulo: Editora Nova Cultura, 2002.

18. DEMANGEON, A. “Transcrito do livro Problèmes de Géographie Humaine” (Paris, Librairie Armand Colin, 1952), p. 25-34. Tradução de Jaci Silva Fonseca.

19. DESCARTES R. “Discurso do Método”. In: Versão eletrônica do livro “Discurso do Método” Autor: Descartes Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis>

20. DIAS, L. C “Redes: emergências e organização” in CASTRO, Iná et alli (orgs) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, pp. 141-162.

21. Dio Chrysostom, London: Harvard Universitu Press, The Loeb Classical Library, 1971, volumes 1-5.

22. DOWNING, G. F. C. and the Cynics. Sheffield, JSOT Press, 1988.

23. _____. Cynics and Christian Origins. Edinburgh, T&T Clark, 1992.

24. DUDLEY, Donald B. A History of Cynism. Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1967.

25. EINSTEIN A. “Ciência e Religião” (1939-1941) - Págs. 25 a 34. Título original: "Out of my later years." Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges - Rio de Janeiro : Editora Nova Fronteira, 1994.

26. ENGELS, F. “Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem”. Escrito por Engels em 1876. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zelt. Publica-se segundo com a edição soviética de 1952, de

acordo com o manuscrito, em alemão. Traduzido do espanhol.

27. EVANGELISTA, H. de Araujo - “Geografia Humana: uma ciência ?” in Cadernos de Doutorado. Rio de Janeiro, mimeo. 1996.
28. FERIGOLO, J. “As Teorias Evolutivas e Popper”, uma avaliação Crítica. In: Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Geologia, Rio de Janeiro, pp. 478-88. RJ, 1984.
29. FERREIRA, Conceição Coelho e SIMÕES, Natércia Neves - “A Geografia Quantitativa” In A evolução do pensamento geográfico. Lisboa: Ed. Gradiva, 1986.
30. FEYERABEND, P. “Adeus à Razão”. In: Mestres da Modernidade. Ed. Cultrix. São Paulo, 1987.
31. _____. “*Contra o Método*”. In: Mestres da Modernidade. Ed. Cutrix. São Paulo, 1975.
32. FOUCAULT, M. (ed.) Moi, Pierre Rivière, ayant égorgé ma mère, ma souer et mon frère. Paris, Gallimard-Julliard, 1973.
33. FREIRE-MAIA, N. “Teoria da Evolução: de Darwin à Teoria sintética”. Ed. Itatiaia, Ed. Univ. São Paulo, p. 415. São Paulo, 1988.
34. GIDDENS, A. “As Conseqüências da Modernidade”. Ed. UNESP. São Paulo, 1991.
35. _____ “Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna”. Ed. UNESP, 1997.
36. GOMES, Paulo Cesar da Costa – “Geografia e modernidade”. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1996.
37. GOMPERZ, Theodor, Pensadores Griegos, “História de la Filosofia de la Antigüidade”, Assuncion, Editorial Guaranía, s.d.
38. GUIDON, NIÈDE. TV Câmara – Personalidade, Participam da entrevista, no Salão Nobre da Câmara dos Deputados, o pesquisador Bismarque Villa Real e o jornalista da Rádio Câmara José Carlos Oliveira. A apresentação do programa é de Isabele Machado, jornalista da TV Câmara, 15/06/2008. Vídeo-arquivo formato wm (18:08 min.).
39. HALLER, R. Neopositivismus, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 1993.
40. _____ War Wittgenstein von Spengler beeinflusst? In: Fragen zu

Wittgenstein und Aufsätze zur österreichischen Philosophie, Rodopi, Amsterdã 1986.

41. HARTSHORNE, R. “Propósitos e Natureza da Geografia”. Ed. HUCITEC- EDUSP, São Paulo, 1979.

42. HARVEY, David – “A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural” , 3ª edição. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 1993.

43. HOLZER, Werther – “A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990”. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992. Dissertação de Mestrado em Geografia.

44. HUME, D. “Ensaio Sobre o Entendimento Humano”. Versão eletrônica do livro “Investigação Acerca do ntendimento Humano” Autor: David Hume Tradução: Anoar Aiex Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

45. _____ “The Review of Metaphysics”, vol. III, 2, Dez, 1949.

46. IANNI, O. – “Estado e capitalismo”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

47. INGALLS, Daniel H. H., Cynics and Pãsupatas: The seeking of Dishonor in: Harvard Theological Review, Cambridge, Cambridge Harvard University Press, 1962, volume LV.

48. JANIK, A. & Toulmin, S. Wittgenstein’s Vienna, Simon & Schuster, Nova Iorque 1973.

49. _____. Nyiri on the Conservatism of Wittgenstein’s Later Philosophy in Style, Politics and the Future of Philosophy, Dordrecht, 1989.

50. JOHSTON, R. J.- “Geografia e geógrafos: a geografia humana anglo- americana desde 1945”, (1ª ed. em inglês em 1979), trad. Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo : DIFEL, 1986 b.

51. KANT, I. Was ist Aufklärung?, Reclam, Universal Bibliothek, Nr. 9714.

52. KUHN, T. “The Structure of Scientific Revolutions” (1962) publ. University of Chicago Press, 1962.

53. LACOSTE, Y. – “A Geografia- Isso Serve, em Primeiro Lugar,

para Fazer a Guerra”. (edição francesa de 1985), trad. Maria Cecília França. São Paulo: Ed. Papirus, 1988.

54. LACOSTE, Y. “Liquidar a Geografia ...Liquidar a idéia Nacional ?” In VESENTINI , José William (org.) – “Geografia e ensino: textos críticos”, trad. Josette Gian. São Paulo: Ed. Papirus, 1989, pp. 31-82.

55. LAERTIOS, D. “Vida e Doutrina dos filósofos Ilustres”. Ed. UNB, Brasília, 1988.

56. ____ “Lives eminent philosophers”, Cambridge: Harvard University Press, The Loeb Classical Library, 1995, volume 2.

57. LASH, S. “Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna”. Ed. UNESP, 1997.

58. LIMA VAZ, Henrique C. de. “*Ética e Justiça: Filosofia do agir humano*”, in PINHEIRO, José Ernanne. *Ética, Justiça e Direito – reflexões sobre a reforma do judiciário*, Vozes, 1996.

59. LIPIETZ, A. “El capital y su espacio. Siglo XXI, Barcelona, 1979.

60. LOSEE, J. Introdução Histórica a Filosofia da Ciência. In: O Homem e a Ciência (trad. Borisa Cimbleiris). Ed. Itatiaia São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

61. MACHADO, L. O. - “Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in CASTRO, Iná et alli (orgs.) - Geografia: conceitos e temas, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1995, pp. 309-353.

62. MAGEE, B. “As Idéias de Popper”. Ed. Cultrix. São Paulo, 1979.

63. MALHERBE, A.. The Cynic Epistles. Scholars Press, Missoula, 1977.

64. MAYR, E. “Populações, espécies e evolução”. Editora da Universidade de São Paulo, Série 3^a. (Ciências Puras), Vol. 5. p.485. São Paulo, 1977.

65. MEADOWS, D. Die Grenzen des Wachstums, Estugarda, 1972.

66. MELLO, J. B. F. - O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991. Dissertação de Mestrado em

Geografia.

67. MENDOZA, J. G. - “Los radicalismos geográficos” In: El pensamiento geográfico: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales). Madrid: Alianza Editorial, 1982, pp. 134-154.
68. MESQUITA FILHO, A. “A Equação do Elétron e o Eletromagnetismo”, *Editora Ateniense, São Paulo*. 1993.
69. MIEGEL. M. Das Ende des Individualismus. Die Kultur des Westens zerstört sich selbst, Verlag Bonn aktuell, Bona, 1994.
70. MOLES, J.L. “Honestius quam ambitiosius?” an exploration of the cynic's attitude to moral corruption in his fellow men. In: The Journal of Hellenic Studies, British Academy, 1983. Vol. CIII.
71. MORAES, A. C. Robert de - “A sistematização da Geografia Moderna” In: A gênese da geografia moderna . São Paulo : Ed. Hucitec, 1989, pp. 15-25.
72. — “Geografia Pequena História Crítica”, 14ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, , 1987.
73. — “O Positivismo como fundamento da Geografia” In Geografia: pequena história crítica. São Paulo: Ed. Hucitec, 1981, pp. 21-31.
74. — et COSTA, W. Messias da — “Geografia crítica - a valorização do espaço”, 2ª edição. São Paulo: Ed. Hucitec, , 1987.
75. MOREIRA, Rui “O Que é Geografia ?”. Ed. Brasiliense. Rio de Janeiro:, 1982.
76. MORUS, T. Utopia. Ed. L&PM, 1989.
77. NITSCHKE J.C.V. Máscaras geográficas: ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2016.
78. — Contra o espaço geográfico. ed. Independente / J.C.V Nitsche; 1ª ed. – Curitiba, 2016.
79. — “Três Barras do Paraná”. Ed. Letra das Artes. Curitiba – Pr, 2001.
80. — “Espaço...Realmente é o Objeto de Estudo da Geografia?”. Rev. Publicatio - UEPG – Ciências Exatas e da Terra, Ciências Agrárias e Engenharias: 7 (1), 33-41, 2001.

81. ____ “Desenvolvimento Sustentável e Influências Sócio-Econômicas Geradas no Município de Três Barras do Paraná, devido a Construção de Salto Caxias. Revista Paranaense de Geografia, Paraná- Brasil, v.7, p.07-16,2001.
82. NITSCHKE, J.C.V. & ALMEIDA, C. D. de. “Proposta Metodológica para Elaboração de Diagnósticos Municipais”. Rev. Paran. Geogr. N. 5, Curitiba, 2000 p. 49-54.
83. ODUM, E.P. “Ecologia” Ed. Guanabara Koogan. Rio de Janeiro, RJ. 1988. Título original: “Basic Ecology”. Tradução de Christopher J. Tribe.
84. O’NEIL, Edward (editor), Teles (The cynic teacher), Missoula: Scholars Press, The society of biblical literature, 1977.
85. PAQUET, Léonce. Les cyniques grecs fragments et témoignages. Les Press de l’Université d’Ottawa, Canada, , 1988. Collection Philosophica 35.
86. PASCAL, B. Deux pièces imparfaites sur la grâce et le Concile de Trente, Jean Vrin, Paris, 1947.
87. PEET, R. Desigualdade e Pobreza. Transcript dos Annals of the Association of American Geographers, 65 (4): 564-575, 1975. Título do original: "Inequality and Poverty: a Marxism-geographic theory". Tradução de Nara Cuman Motta.
88. PLATÃO, Versão eletrônica do livro “Apologia de Sócrates”
Autor: Platão
- Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia) Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis>.
89. POPPER, K. “Conjectures and Refutations”: The Growth of Scientific Knowledge, Routledge & Kegan Paul, 1972.
90. ____ “Poverty of Historicism”, Routledge & Kegan Paul, 1961.
91. ____ “The Logic of Scientific Discovery”. 2^a ed. Ed. Hutchinson. 1968.
92. ____ “O Conhecimento Objetivo”. Uma Abordagem Evolutiva. Ed. Itatiaia. Belo Horizonte, 1975.

93. _____ “Sociedade Aberta; Universo Aberto”. 2^a ed. Ed. Publicações Dom Quixote, p. 112. Lisboa, 1991.
94. _____.”The Open Society and its Enemies”, Routledge & Kegan Paul, 1966.
95. _____ “Previsão e Profecias nas Ciências Sociais”. In: Teorias da História, ed. Patrick Gardiner, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 334-346, 1994.
96. REALE, Giovanni. “História da Filosofia Antiga”, São Paulo, Loyola, 1994, volumes III e IV.
97. REALE, Giovanni-ANTISERI, Dario. “História da Filosofia”. Vol 1. Ed. Paulus. São Paulo, 1990,
98. RICH, Audrey N. M. The Cynic conception of autarkeia. In: MNEMOSYNE, 1956, Séries IV, Vol. IX, Fasc. 01.
99. SANTOS, M. “A Revolução Tecnológica e o Território: Realidades e Perspectivas”. In: Revista Terra Livre – AGB. Nº 9, p. 07-18. São Paulo, 1991
100. _____, M. “Metamorfose do Espaço habitado”. Ed. HUCITEC. São Paulo, 1996.
101. “O espaço Geográfico como categoria filosófica”. Anais 5^o. Encontro Nacional de Geógrafos: 1982, contribuições científicas, Porto Alegre, 1983, p. 41-53.
- 102.101.____. “Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica”. Ed. HUCITEC. São Paulo, 1978.
- 103.SCHAEFER, F. “Excepcionalismo na Geografia” In Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, 7 (13), pp. 5-37,1977.
- 104.SOTCHAVA, V. O Estudo dos Geossistemas. Método em Questão n. 16 (tradução) IGEOG-USP. São Paulo, 1977.
- 105.SCHMIDT-NIELSEN, Knut: (1999). “Fisiologia Animal: Adaptação e Meio Ambiente”. 5. ed. São Paulo/BRA: Ed. Santos.
- 106.SODRÉ M. “Antropologia do Espelho - uma teoria da comunicação linear e em rede”. Ed. Vozes. São Paulo, 2002.
- 107.____. “Introdução a Geografia. Geografia e ideologia. Ed. Vozes. Petrópolis-RJ, 1977.

108.SOJA, E. “Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica”. Trad. Vera Ribeiro (2ª edição em inglês); revisão técnica Bertha Becker e Lia Machado. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.

109.SPINOSA, Versão eletrônica do livro “Tratado da Correção do Intelecto”

110.STALIN. “Materialismo Dialético e Materialismo Histórico” Coleção Base 10. 3ª ed. Ed. Global. São Paulo, 1982.

111.TUAN, Yi-Fu - “Perspectiva Experiencial” In: Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência, trad. Livia de Oliveira (1ª ed. em inglês em 1977). São Paulo: DIFEL, 1983, pp. 22-38.

112.VAAGE, Lief Eric, Like dogs barkijng: cynic parrêsia and shameless ascetiscism, in: SEMEIA, Atlanta, Scholars Press, 1992, número 57.

113.VYGOTSKY, L. S. “Pensamento e Linguagem” Edição eletrônica: Ed Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org)

114.WILLIANS, A. “A Literatura na Ciência”. In site O Recado da Pesquisa (<http://www.orecado.cjb.net>), p. 43 a 60, 1998.

NOTAS DE FIM

ⁱ este termo foi usado porque um fato jocoso ocorreu quando apresentava um trabalho em um simpósio quando disse a seguinte expressão: “O homem está impactando o meio ambiente (...)”. E fui interrompido por uma ouvinte, aluna do curso de Geografia, que disse: “Mas e a mulher? Porque é só o homem?”